



UFAM

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ REITORIA DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**UM ESTUDO SOBRE A DIVISÃO DO TRABALHO DOMÉSTICO
EM CASAS DE TRABALHADORES DE UMA UNIVERSIDADE
PÚBLICA DO AMAZONAS**

MARIA DO PERPÉTUO SOCORRO RAMALHO BARBOSA

MANAUS – AM
2019

MARIA DO PERPÉTUO SOCORRO RAMALHO BARBOSA

**UM ESTUDO SOBRE A DIVISÃO DO TRABALHO DOMÉSTICO
EM CASAS DE TRABALHADORES DE UMA UNIVERSIDADE
PÚBLICA DO AMAZONAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia, em Processos Psicossociais.

Orientadora: Profa. Dra. Iolete Ribeiro da Silva

MANAUS – AM
2019

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

B238u Barbosa, Maria do Perpétuo Socorro Ramalho
Um estudo sobre a divisão do trabalho doméstico em casais de trabalhadores de uma Universidade pública do Amazonas / Maria do Perpétuo Socorro Ramalho Barbosa. 2019
103 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Iolete Ribeiro da Silva
Dissertação (Mestrado em Psicologia: Processos Psicossociais) - Universidade Federal do Amazonas.

1. relações de gênero. 2. gênero. 3. divisão sexual. 4. trabalho doméstico. I. Silva, Iolete Ribeiro da II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

Parecer Final

MARIA DO PERPÉTUO SOCORRO RAMALHO BARBOSA

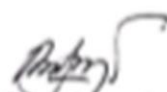
"Um estudo sobre divisão do trabalho doméstico em casais de trabalhadores de Uma universidade pública do Amazonas."

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia, na *Linha de Processos Psicossociais*.

Aprovado em 03 de maio de 2019.

BANCA EXAMINADORA


Prof.ª Dr.ª Iolene Ribeiro da Silva
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS


Prof.ª Dr.ª Ana Cristina Fernandes Martins
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS


Prof. Dr. André Luiz Machado das Neves
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO AMAZONAS

DEDICATÓRIA

*As minhas filhas Danielle e Fabiola,
meu Amor maior.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela dádiva da vida e por me conceder sabedoria nas escolhas dos melhores caminhos, coragem para seguir em frente com os meus objetivos e amparo quando as dificuldades no decorrer desse trabalho pareciam intransponíveis.

A minha família, por sempre ter acreditado em mim e me impulsionar em direção à vitória dos meus desafios.

A Alessandra Pereira, pela amizade, acolhimento e compartilhamento de conhecimentos, contribuindo com a análise e elaboração final dessa dissertação.

A Josenete Cavalcante Costa, por sua disponibilidade e contribuição no tratamento dos dados e análise estatística desse estudo.

Aos homens e mulheres, sujeitos dessa pesquisa, que aceitaram participar desse estudo contribuindo para que os objetivos propostos fossem alcançados.

A Aline de Lima Souza, Fernanda Martins Costa e Solano Pinto Cordeiro, por disponibilizarem tempo e empenho na realização da coleta de dados, a minha gratidão.

Ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Amazonas e a minha orientadora Profa. Dra. Iolete Ribeiro da Silva, agradeço pelos ensinamentos e aprendizado.

As Professoras Dras. Ana Cristina Fernandes Martins e Consuelena Lopes Leitão, agradeço por terem composto a banca de qualificação deste trabalho, conferindo ricas reflexões e contribuições que permitiram avanços subsequentes.

Ao Professores Dr. André Luiz Machado das Neves e Dra. Ana Cristina Fernandes Martins, membros da banca examinadora, registro meus agradecimentos por terem atendido ao convite, dispondo de seu tempo e conhecimento para analisar este trabalho.

Por fim, a todos que direta e indiretamente participaram dessa caminhada e contribuíram para a concretização desta dissertação, com suas particularidades na vivência de relações, pautadas na troca de experiências, os meus sinceros agradecimentos.

Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já tem a forma do nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos.

Fernando Pessoa

RESUMO

A presente pesquisa refere-se ao estudo realizado em uma universidade pública do Amazonas, para investigar a divisão do trabalho doméstico em casais de trabalhadores. Foi determinado como objetivo geral compreender as práticas sociais que envolvem o homem e a mulher, na sua relação cotidiana e no exercício de seus papéis institucionalizados e, como são produzidas a divisão dos trabalhos domésticos. Como objetivos específicos foram definidos: identificar os papéis sexuais vividos nas relações de gênero e a existência de uma hierarquização entre as atividades masculinas e femininas, analisar os significados de masculinidade e feminilidade e sua influência na divisão das atividades domésticas, avaliar os papéis designados para homens e mulheres nas tarefas cotidianas no espaço doméstico. Em todas as sociedades existem diferenças entre o que é esperado, permitido e valorizado em uma mulher e o que é esperado, permitido e valorizado em um homem. Estas diferenças e desigualdades entre os gêneros são moldadas ao longo da história das relações sociais e em diferentes culturas, acarretando um impacto específico sobre o comportamento de mulheres e homens em todas as fases da vida e determinando diferenças importantes na saúde, educação, trabalho e na divisão das tarefas cotidianas no espaço doméstico pela hierarquização entre as atividades masculinas e femininas. A descrição metodológica ficou estruturada da seguinte maneira: com relação aos objetivos, a pesquisa foi descritiva e exploratória e no que tange a abordagem, buscou-se conjugar a pesquisa quantitativa e qualitativa à psicologia sócio-histórica. O protocolo da pesquisa foi aplicado em 135 participantes, distribuídos em 4 categorias, diferenciados em termos de gênero, faixa etária, e escolaridade. A aplicação ocorreu através da utilização do instrumento (formulário misto) com o uso de escala do tipo *Likert* e, a forma de realização foi a entrevista direta com os participantes, em diversos espaços institucionais. Após a aplicação do protocolo, foram feitas as transcrições das informações coletadas, para análise e discussão dos resultados. As análises dos dados sinalizaram maior desigualdade na distribuição de horas dedicadas pelas mulheres as atividades domésticas do que pelos homens.

Palavras-Chaves: gênero, relações de gênero, divisão sexual, trabalho doméstico.

ABSTRACT

The present research refers to the study carried out at a public university in Amazonas, to investigate the division of domestic work into working-class couples. It was determined as general objective to understand the social practice that involves men and women, in their everyday relationship and in the exercise of their institutionalized roles, and how are produced the division of housework. As specific objectives were defined: to identify the sexual roles lived in gender relations and the existence of an act of hierarchizing between masculine and feminine activities, to analyse the meanings of masculinity and femininity and their influence on the division of domestic activities, to evaluate the roles assigned to men and women in the everyday tasks in the domestic space. In all societies there are differences between what is expected, allowed and valued in a woman and what is expected, allowed and valued in a man. These gender differences and inequalities are shaped throughout the history of social relations and in different cultures, unfolding a specific impact on the behavior of women and men in all stages of life and determining important differences in health, education, work and division of everyday tasks in the domestic space, by the act of hierarchizing between masculine and feminine activities. The methodological description was structured in the following way: in relation to the objectives, the research was descriptive and exploratory, regarding the approach, sought out to conjugate quantitative and qualitative research with socio-historical psychology. The research protocol was applied in 135 participants, distributed in 4 categories, differentiated in terms of gender, age range and schooling. The application took place through the use of the instrument (mixed form) with the use of Likert scale and the form of realization was the direct interview with the participants, in several institutional spaces. After the application of the protocol, the transcripts of the collected information were made for analysis and discussion of the results. The analyses signalled a greater inequality in the distribution of hours devoted by domestic women than by men.

Keywords: gender, gender relations, sexual division, housework.

LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS

Gráfico 1 – Distribuição da frequência e percentual das profissões dos participantes	50
Tabela 1 – Resultado estatístico para adequação da amostra	41
Tabela 2 – Frequência e percentual dos participantes	46
Tabela 3 – Idade dos participantes segundo o gênero	46
Tabela 4 – Idade segundo o gênero	47
Tabela 5 – Escolaridade dos participantes segundo o gênero	48
Tabela 6 – Profissão e nível de escolaridade dos participantes segundo o gênero ..	51
Tabela 7 – Quantitativo entre gênero e escolaridade segundo o número de filhos ..	52
Tabela 8 – Porcentagem do gênero dos filhos participantes e média de idade	53
Tabela 9 – Tempo de casamento dos participantes segundo o gênero	54
Tabela 10 – Nível de satisfação dos participantes em relação ao casamento	55
Tabela 11 – Satisfação com a forma que a esposa e o marido participam das atividades domésticas	56
Tabela 12 – Renda familiar e escolaridade segundo o gênero	57
Tabela 13 – Nível de dependência econômica em relação ao cônjuge	59
Tabela 14 – Nível de dependência econômica em relação ao cônjuge em casa de separação	60
Tabela 15 – Resultado da análise de consistência interna das atividades	61
Tabela 16 – Resultado da análise fatorial das três questões A-B-C	63
Tabela 17 – Questão A: Médias e valores F da Análise de Variância dos julgamentos de concordância com a participação dos homens nas atividades domésticas em função dos grupos	67
Tabela 18 – Questão A: Médias e valores F da Análise de Variância dos julgamentos de concordância com a participação dos homens nas atividades domésticas em função dos grupos e sexo	68
Tabela 19 – Questão A: Categorias de Análise mais significativas por grupos	71
Tabela 20 – Questão A: Categorias de Análise mais significativas por sexo	73
Tabela 21 – Questão A: Categorias de Análise mais significativas por grupos <i>versus</i> sexo	73

Tabela 22 – Questão B: Médias e valores F da Análise de Variância dos julgamentos de concordância com a participação dos homens nas atividades domésticas em função dos grupos e sexo	75
Tabela 23 – Questão B: Médias e valores F da Análise de Variância dos julgamentos de concordância com a participação dos homens nas atividades domésticas em função dos grupos e sexo	76
Tabela 24 – Questão B: Categorias de Análise mais significativas por grupos	78
Tabela 25 – Questão B: Categorias de Análise mais significativas por sexo	79
Tabela 26 – Questão B: Categorias de Análise mais significativas por grupo <i>versus</i> sexo	80
Tabela 27 – Questão C: Médias e valores F da Análise de Variância dos julgamentos de concordância com a participação dos homens nas atividades domésticas em função dos grupos e sexo	81
Tabela 28 – Questão C: Médias e valores F da Análise de Variância dos julgamentos de concordância com a participação dos homens nas atividades domésticas em função dos grupos e sexo	82
Tabela 29 – Questão C: Categorias de Análise mais significativas por grupos	84
Tabela 30 – Questão C: Categorias de Análise mais significativas por sexo	85
Tabela 31 – Questão C: Categorias de Análise mais significativas por grupos <i>versus</i> sexo	85

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	17
1.1 A psicologia sócio-histórica e a compreensão do sujeito	17
1.2 Os estudos de gênero, sexo e os papéis de gênero	22
1.3 A desigual divisão sexual do trabalho	25
1.4 A divisão das tarefas domésticas entre homens e mulheres	28
2. DESCRIÇÃO METODOLÓGICA	32
2.1 Inserção e percurso no campo da pesquisa	32
2.2 Aspectos éticos	35
2.3 Participantes	36
2.4 Critérios de inclusão e exclusão dos participantes	36
2.5 Materiais	37
2.6 Confiabilidade do instrumento	38
2.7. Procedimentos	39
2.8 Coleta de dados	39
2.9 Análise dos resultados	40
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO	45
3.1 Parte 1 – Fatores Socioeconômicos	45
3.2 Parte 2 – Análise Fatorial	61
3.3 Parte 3 – Análise em relação aos Objetivos	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	92
REFERÊNCIAS	95
APÊNDICES	101

INTRODUÇÃO

A construção deste trabalho foi uma proposta de pesquisa ao Programa de Pós-graduação em Psicologia, linha de pesquisa - Processos Psicossociais, Faculdade de Psicologia – Universidade Federal do Amazonas, em que propomos estudar a divisão do trabalho doméstico entre casais de trabalhadores. Os participantes da pesquisa são trabalhadores de uma Universidade pública do Amazonas, sendo pelo menos um integrante do par conjugal entrevistado. A dissertação se fundamentou na abordagem sóciohistórica visando contribuir com a discussão de gênero, considerando as práticas sociais que envolvem o homem e a mulher na sua relação cotidiana e no exercício de seus papéis institucionalizados e como estes se constroem como sujeitos masculinos e femininos no contato com seus pares, influenciando na divisão das tarefas domésticas.

Em todas as sociedades existem diferenças entre o que é esperado, permitido e valorizado em uma mulher e o que é esperado, permitido e valorizado em um homem. Essas diferenças e desigualdades entre os gêneros são moldadas ao longo da história das relações sociais e em diferentes culturas, acarretando um impacto específico sobre o comportamento de mulheres e homens em todas as fases da vida e determinando diferenças importantes na saúde, educação, trabalho e na divisão das tarefas cotidianas no espaço doméstico, determinadas pela hierarquização entre as atividades masculinas e femininas.

Histórica e culturalmente, especialmente dentro da sociedade capitalista, sempre coube à mulher a responsabilidade pelos cuidados com a casa e com a família, independentemente de sua idade, condição de ocupação e nível de renda. O trabalho doméstico até hoje recai sobre as mulheres com base no discurso da naturalidade feminina para o cuidado. Desse modo, a compreensão da forma que se

procede a divisão social e sexual do trabalho perpassa o entendimento das relações sociais, econômicas e de poder moduladas pela cultura ao longo da história.

Reflexões importantes têm surgido sobre o papel atual e esperado para a mulheres e suas relações com a divisão sexual do trabalho doméstico. Tais considerações foram analisadas por diversas teorias e pesquisas que buscam explicar porque há uma maior desigualdade na distribuição de horas dedicadas pelas mulheres a estas atividades do que pelos homens. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018), no Brasil em 2016, as mulheres dedicaram aos cuidados de pessoas e/ou afazeres domésticos cerca de 80% a mais de horas do que os homens, alcançando 19 horas semanais.

Outro aspecto importante, é que o trabalho doméstico foi naturalizado e está incorporado no modo de vida das mulheres e essas têm uma grande parcela de responsabilidade pela reprodução do modelo instituído. Nesse contexto, Pierre Bourdieu fala das diferenças entre os sexos, ressaltando que a dominação masculina e a submissão feminina são construções sociais que se naturalizaram. Essa relação de poder faz com que a dominação masculina pareça natural, resultado de um processo de inculcação coletivo, em que as diferenças entre os sexos biológicos se transpõem para diferenças sociais e a educação tem forte influência (BOURDIEU, 2003).

Com relação a isso, os aspectos levantados por Antonio Roazzi na pesquisa “Lar-doce-lar”: Rainha ou Rei? A representação da participação masculina nas tarefas domésticas e a lógica de sua distribuição em casais de nível socioeconômico baixo”, realizada na cidade de Recife, corrobora a lógica dessa distribuição no espaço doméstico em tarefas consideradas eminentemente femininas, nas quais não é aceita a participação masculina, e tarefas onde é aceito viver esse papel. (ROAZZI, 1999).

Inspirada pelos resultados desse estudo, propusemos como projeto a investigação da problemática da relação de gêneros na divisão das tarefas domésticas em casais de trabalhadores de uma Universidade pública do Amazonas, buscando obter uma maior compreensão dos fenômenos e problemas que envolvem o homem e a mulher na sua relação cotidiana e no exercício de seus papéis institucionalizados. Certamente, a compreensão do fenômeno contempla a subjetividade como um processo contínuo que produz, interpreta, significa as experiências, as relações, o contexto e as instituições. Em tal processo, a subjetividade se constitui e se recria através de símbolos, normas, valores, ideias, fenômenos e demais fatores do viver.

Baseando-se nessa compreensão, pode-se dizer que os homens e as mulheres ainda se orientam por papéis e roteiros sociais que fazem a manutenção das relações sociais de gênero. A partir dessas colocações, questionou-se: 1. Que fatores históricos contribuíram para a hierarquização da divisão sexual do trabalho? 2. Como se constituem as práticas sociais na divisão das tarefas domésticas em casais de trabalhadores de uma Universidade pública do Amazonas? 2. Qual a lógica que está associada às relações de poder assimétricas entre homens e mulheres na divisão do trabalho doméstico?

Nesse contexto, os objetivos da pesquisa foram formulados e reformulados, ao passo em que eram elaboradas as estratégias de pesquisa-intervenção e a inserção no campo da pesquisa. O objetivo geral definido para essa pesquisa foi: Compreender as práticas sociais que envolvem o homem e a mulher na sua relação cotidiana e no exercício de seus papéis institucionalizados e como são produzidas na divisão dos trabalhos domésticos.

E como objetivos específicos estabeleceram-se:

- Identificar os papéis sexuais vividos nas relações de gênero e a existência de uma hierarquização entre as atividades masculinas e femininas.
- Analisar os significados de masculinidade e feminilidade e sua influência na divisão das atividades domésticas.
- Avaliar os papéis designados para homens e mulheres nas tarefas cotidianas no espaço doméstico.

Desta feita, a relevância de se estudar mais detalhadamente a questão da partilha do trabalho doméstico baseada no sexo se justifica, pois, a forma como homens e mulheres avaliam as modalidades da divisão do trabalho na família e o que eles aplicam realmente no seu cotidiano são aspectos cruciais para haver um maior equilíbrio. Nesse sentido, essa pesquisa, poderá contribuir com novos olhares sobre a construção nas relações de gênero considerando os sentidos expressos pelos homens e mulheres sobre como estes se constroem como sujeitos masculinos e femininos no contato com seus pares, haja vista que se entende gênero como um conceito relacional que envolve as representações, práticas e identidades construídas socialmente em torno do masculino e do feminino

Por sua vez, apesar dos estudos sobre a divisão do trabalho familiar, enfatizarem a análise das desigualdades relacionadas a sexo e a exploração das

possíveis causas da desigualdade, pouco se sabe ainda, acerca das percepções, das avaliações, e das consequências dessas desigualdades relacionadas ao sexo visto mais de perto dentro dos relacionamentos, embora seja razoável supor que a divisão do trabalho familiar e suas avaliações em particular, trazem consequências importantes para o relacionamento entre marido e mulher e para o bem-estar pessoal dos homens e das mulheres.

Ademais, o desenvolvimento dessa pesquisa, coaduna com a proposta de construção de uma Política Permanente de Equidade de Gênero no âmbito da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, elaborada pelo Grupo de Trabalho Interdisciplinar, constituído pela Portaria GR No. 2365 de 23 de agosto de 2016. Compreende-se que a desigualdade de gênero, associada à lógica da divisão do trabalho doméstico, está imbricada na cultura machista e no exercício de seus papéis institucionalizados. É preciso, portanto, mudar essa realidade para que se tenha equidade de gênero, sem distinção por motivo de gênero, orientação sexual, expressão de gênero ou identidade de gênero.

No que se refere a estrutura dessa dissertação, a mesma foi organizada em quatro partes: introdução, fundamentação teórica, descrição metodológica, resultados e discussão dos dados. Na introdução, foram apresentadas as informações a respeito da justificativa, do problema, dos objetivos gerais e específicos e dos aspectos gerais que organizaram a ideia do projeto.

A fundamentação teórica foi embasada em autores como Bock, Guareschi, Vygotsky, Foucault, Scott, Hirata, entre outros, contemplando os assuntos da psicologia sócio-histórica, desenvolvimento humano, relações de poder, gênero e divisão sexual do trabalho. Na descrição metodológica, os itens abordados dizem respeito a inserção e percurso no campo da pesquisa, adversidades e limites a realização da pesquisa, aspectos éticos, participantes, critérios de inclusão e exclusão dos participantes, materiais e métodos, confiabilidade do instrumento, procedimentos, coleta de dados, bem como, a análise de dados. Os resultados e a discussão são apresentados em três partes. A primeira com informações referentes aos fatores sociodemográficos. Na segunda parte, foram apresentadas as informações a respeito das análises fatoriais. E a terceira parte, a análise em relação aos objetivos. Por fim, foi apresentada as considerações finais, que sinalizam as principais contribuições do estudo e apontam novas possibilidades de investigação sobre o tema, fechando o estudo com as referências e os apêndices.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 A psicologia sócio-histórica e a compreensão de sujeito.

A Psicologia surgiu como ciência no final do século XIX, a partir de duas áreas: uma experimental e a outra social. A abordagem social trouxe como foco resolver questões dicotômicas tais como: natural x social; interno x externo; orgânico x psicológico (BOCK, 2002). Autores como Leontiev afirmaram que o problema do biológico e do social na Psicologia científica representariam um papel desafiador e decisivo (LEONTIEV, 2004).

É neste contexto, reconhecendo a crescente necessidade da compreensão do fenômeno psicológico, adotando a complexidade como paradigma fundamental e respondendo de modo crítico a uma visão dualista, que surge a psicologia sócio-histórica, no campo da Psicologia Social, baseada na teoria histórico-cultural de Vygotsky (BOCK, 2007).

Os fundamentos epistemológicos, metodológicos e ontológicos da teoria histórico-cultural decorrem do materialismo histórico e dialético de Marx e Engels, permitindo abordar fenômenos sociais e psicológicos na sua historicidade. Tal afirmativa conduz a uma aproximação do fenômeno social, uma vez que nos permite pensar o social como palco de processos humanos (BOCK, 2007).

Além das ideias de Marx e Engels (materialismo), a psicologia sócio-histórica articula-se com os conhecimentos de Darwin (evolucionismo), Espinosa (filosofia), dentre outros autores. Pode-se resumir que tais influências resultaram na compreensão da psicologia como uma ciência do ser histórico e não do ser abstrato e universal, e que a origem e o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores é social (LUCCI, 2006).

Neste sentido a perspectiva sócio-histórica ou histórico cultural constitui-se como uma proposta que busca compreender o ser humano como ser ativo que se desenvolve através da linguagem. Esta última, abarca as significações e se caracteriza como “instrumento do pensamento” (BONI *apud* LUCCHI, 2006, p. 4).

Para BOCK *et al.* (2007, p. 53),

A linguagem, é produção ao mesmo tempo social e individual e, expressão da síntese e do movimento entre sujeito e realidade. Significado e sentido, como unidade de contrários, ao mesmo tempo revelam, possibilitam e concretizam a dialética subjetividade-objetividade.

Autores como Pedrinho Guareschi explicam também que a psicologia sócio-histórica orienta uma nova aceção na identificação e compreensão de fenômenos sociais. Tais aceções eram ausentes nas teorias sociais e psicossociais da década de 1960, e fazem referência a uma psicologia voltada para a realidade da América Latina, a partir da Ética da Libertação. Essa proposta sinaliza a existência de uma complexa rede de relações de exploração e opressão que são históricas, sociais e culturalmente construídas. E, em seus pressupostos epistemológicos, o conceito de libertação define a necessidade de superação de dicotomias entre teoria e prática, individual e social, imprescindíveis para uma prática ética. (GUARESCHI, 2011).

Com isso, as aptidões humanas seriam o resultado do processo de apropriação pelo indivíduo do mundo, no amalgamento deste com a sociedade, cujo substrato é a vida. Ou seja, falar do social e do material é falar de atividade humana (LEONTIEV, 2004).

A compreensão do indivíduo no social emerge a partir da lógica de se perceber esse humano para além do natural, considerando as relações sociais, objetos e instrumentos da cultura (linguagem). Considera-se ainda que em uma análise sociocultural a ação humana é mediada, superando a dicotomia do interno-externo, teoria e prática, implicando sempre em uma ação e reconhecimento de relações (WERTSCH, 1999).

Assim, ao nos aproximarmos do fenômeno psicológico é fundamental compreender as relações, internas e externas, desse fenômeno com a sociedade, observando os movimentos feitos para construir e modificar o mundo e, simultaneamente, constituir a realidade psicológica dos indivíduos imersos neste contexto social. Essa perspectiva conduz a ênfase na dimensão dialética e relacional

que tece a complexa rede de relações de opressão e exploração entre as classes sociais (GUARESCHI, 2011).

Todavia, para além da compreensão da perspectiva sócio-histórica na Psicologia e sua importância na construção dos indivíduos é fundamental estreitarmos ideias sobre o desenvolvimento humano e os processos de significação.

Para Vygotsky, não existe natureza humana. Essa afirmação enfatiza a ideia do autor para a transformação do homem em ser humano e introduz dialeticamente, na psicologia, a relação entre esse homem, a natureza, as relações sociais e a cultura. Tal compreensão foi percebida como um avanço nas teorias do desenvolvimento do início do século XX, que postulavam um modelo biológico-maturacional, e consideravam a cultura como um artifício externo ao homem (GOMES *et al*, 2016).

A partir da genética do desenvolvimento cultural, Vygotsky dá início a novas compreensões sobre a relação entre as funções biológicas e culturais, a natureza e o simbólico, a história pessoal e social dos indivíduos propondo dois grandes eixos de estruturação humana: o primeiro que segue uma linha evolutiva da maturação biológica e, o segundo que define o carácter cultural do psiquismo. Para Vygotsky é o carácter cultural que transforma o indivíduo em sujeito ou pessoa, atribuindo-lhe qualidade humana (PINO, 2005).

É oportuno considerar que o desenvolvimento cultural se inicia posteriormente ao nascimento biológico, problematizando que é a partir das relações sociais e da internalização de signos que o desenvolvimento das funções psicológicas superiores acontece. É na intermediação entre a comunicação e a sociabilidade que o homem se apropria da cultura, cria significados, cresce e desenvolve a natureza que o envolve (GOMES *et al*, 2016).

Compreendendo o processo de subjetivação como a dialética entre a pessoa e o social, defende-se que entre o ser e o social, há uma relação de mediação pelos sentidos. Ou seja, o externo e o interno são mediados pela linguagem e pelos símbolos que emergem nas relações (ROSA, 2002).

Dessa maneira, o ser humano se constrói na relação, ou seja, o ser é ativo, histórico e social e constitui-se por sua ação e na relação com a cultura, sua história e realidade. O ser se constitui não por uma mera absorção imediata do contexto, e sim por um processo de regular subjetivação da realidade, fazendo-o singular.

Neste processo de subjetivação, o mundo objetivo é convertido para o subjetivo, produzindo-se um plano interno pela incorporação do externo, processo em que se configura algo novo. Ao mesmo tempo, o ser constrói a realidade através de sua atuação sobre ela e, assim, da objetivação de seu mundo singular, ou seja, de sua subjetividade. Portanto, o individual e o social contêm um ao outro sem se diluírem, o que implica dizer que não há uma relação de identidade entre indivíduo e sociedade e vice-versa (ROSA; ANDRIANI, 2002, p.7).

A cultura é um dos conceitos primordiais na obra de Vygotsky, uma vez que, é a partir de processos de significação e da base materialista histórico dialética de análise, que se torna possível compreender a noção de cultura para este autor (PINO, 2005). Vygotsky aborda que a cultura tem estado historicamente distanciada das teorizações sobre os aspectos biológicos do ser humano e, que natureza e cultura encontram-se em polos opostos nessa construção. Em sua visão, essas duas categorias devem ser consideradas como constitutivas do sujeito, explicitando o modo como o natural e o cultural relacionam-se no desenvolvimento humano (SOUZA ANDRADA, 2013).

Sobre os sentidos e significados abordados na teoria Vygotskyana e, que auxiliam na compreensão das bases conceituais da psicologia sócio-histórica, é fundamental estabelecer diferenças entre um e outro.

Sobre o sentido, Lev Vygotsky o considera como a soma dos eventos psicológicos que a palavra evoca na consciência. É um todo fluido e dinâmico, com zonas de estabilidade variável, uma das quais, a mais estável e precisa, é o significado que é uma construção social, de origem convencional (ou sócio-histórica) e de natureza relativamente estável. Quanto ao significado, o autor explica que o significado de uma palavra se trata de uma generalização, ou seja, a formulação de um conceito, sendo o significado um fenômeno do pensamento. Dito isso, o significado é o produto de um consenso de ideias, uma estabilização consensual de uma ideia feita por um grupo, visto que o significado, ao unir a palavra ao pensamento, constitui uma elaboração cultural que contribui com a constituição da consciência dos envolvidos (VYGOTSKY, 1998).

De forma a ilustrar a distinção entre sentido e significado, expõe-se a seguinte situação: o significado compartilhado socialmente da palavra “bater” pode ser “agredir”, porém, no contexto específico de uma relação conjugal violenta, a palavra “bater” pode ter o sentido pessoal de “educar” para o homem que direciona a violência à mulher, visto que ele acredita que sua companheira é um sujeito que precisa estar

submetido à sua tutela, sua educação. O significado é um conceito social compartilhado, já o sentido seria uma atribuição pessoal à palavra que dependeria do contexto da relação.

O sentido é muito mais amplo que o significado, pois o primeiro constitui a articulação dos eventos psicológicos que o sujeito produz frente a uma realidade. Como coloca Gonzalez Rey (2011), o sentido subverte o significado, pois ele não se submete a uma lógica racional externa. O sentido refere-se a necessidades que, muitas vezes, ainda não se realizaram, mas que mobilizam o sujeito, constituem o seu ser, geram formas de colocá-lo na atividade. O sentido deve ser entendido, pois, como um ato do ser mediado socialmente. A categoria sentido destaca a singularidade historicamente construída. (AGUIAR; GONÇALVES, 2009, p.226 - 227)

Desse modo, o sentido, ao mesmo tempo em que se caracteriza como roteiro constituído pelas significações, revela também a incompletude e a dinamicidade das representações humanas. O significado, por sua vez, é uma das zonas de sentido, visto que a palavra pode adquirir sentido no contexto em que está. Portanto, a palavra pode ter seu sentido alterado dependendo do contexto. “O significado permanece estável ao longo de todas as alterações do sentido” (VYGOTSKY, 1996, p. 125).

Sendo assim, estudar o sentido, torna possível compreender a pauta particular articulada com as significações compartilhadas que orienta as formas de lidar com o outro e consigo. O sentido revela os acordos construídos relacionalmente nas vivências por roteiros de significações produzidas na intimidade, na educação, num tempo histórico e num social.

Conhecer os sentidos e significados adotados pelos indivíduos e, compartilhados em determinado grupo social, pode auxiliar a compreender a construção psíquica e os fenômenos sociais que as acompanham, favorecendo mudanças no contexto social. Certamente, para ter acesso a essas informações é necessário propiciar espaço para que os indivíduos expressem (comuniquem) seus significados e, isso é possível a partir de construções ou práticas discursivas eleitas pelo sujeito como ordenadora de sua trajetória de vida. Assim, aproximar-se dos discursos individuais e coletivos sobre os fenômenos torna-se tarefa necessária.

1.2. Os estudos de gênero, sexo e os papéis de gênero

Até a década de 80, sobrevivia com força a dualidade entre sexo e gênero. O primeiro estava associado a natureza e o segundo, a cultura. As teóricas feministas desse período, foram as que mais abalaram essa concepção, questionando as lógicas hegemônicas e trazendo novas perspectivas para os estudos de gênero. Foi a historiadora estadunidense Joan Scott ao escrever o artigo “Gênero: uma categoria útil de análise histórica” que chamou a atenção para o que ela considera os usos descritivos de gênero: quando apenas se olham para questões envolvendo mulheres e homens sem que se vá muito além (SCOTT, 1995).

A historiadora, assumidamente pós-estruturalista, retoma o método de desconstrução do francês Jacques Derrida, buscando desconstruir vícios do pensamento ocidental, como a oposição tida como universal e atemporal entre homem e mulher (PISCITELLI, 2002). Scott, também foi influenciada por Foucault, dissolvendo a visão universalista e binária dos sujeitos e apontando para a dimensão relacional. Porém, ao analisar os elementos que compõem a construção da subjetividade de indivíduos, dentro de contextos sociais e históricos, a autora explica que a realidade social precisa ser concebida em termos de gênero. Scott contrapõe-se as teorias de Foucault e de Lacan, rejeitando uma visão polarizada, binária, opositora e de ideias universalistas e essencialistas sobre homens e mulheres. Para a autora, falar de gênero envolve falar de sistemas de relações, de domínios de poder e rede de significados (SCOTT, 1995, p.84-85).

Em sua definição é possível compreender gênero como

uma organização social da diferença sexual. Mas isso não significa que gênero produza diferenças físicas, fixas e naturais entre mulheres e homens; mais propriamente, o gênero é o conhecimento que estabelece significados para diferenças corporais.(...) não podemos ver as diferenças sexuais a não ser como uma função sobre o nosso conhecimento sobre o corpo, e esse conhecimento não é puro, não pode ser isolado de sua implicação num amplo espectro e contextos discursivos” (SCOTT, 1988, p.2)

O surgimento da categoria “gênero” permitiu nomear campos das práticas sociais e individuais sobre aquilo que pouco se conhece, sobre aquilo que escapa às classificações, mas que é possível intuir de algum modo. Essa compreensão permitiu perceber que o universo feminino é muito diferente do masculino, não simplesmente

por determinações biológicas, conforme acreditavam os teóricos do século XIX, mas sobretudo por experiências históricas marcadas por valores, sistemas de pensamento, crenças e simbolizações diferenciadas sexualmente (RAGO, 1998).

Para compreender os estudos de gênero, Benedito Medrado aponta a existência de três dimensões necessárias: 1) a dimensão relacional, que compreende que o masculino e o feminino não são entidades substantivas, são relacionais, ou seja, co-construídas dialeticamente; 2) a dimensão histórica, que evidencia que as relações de gênero, que para serem compreendidas, devem ser estudadas a partir de uma contextualização histórica, visto que não são algo fixo; e por fim; 3) a dimensão contextual-situacional, que destaca que os estudos de gênero se vinculam ao estudo de contextos culturais específicos, onde tempo e espaço tem relevância central (MEDRADO, 2008).

Com isso, existe uma forte relação entre as colocações de Medrado e Scott, ao atribuir ao constructo “gênero” uma dimensão da realidade social. Historicidade, contexto, situação e relação compõem o quadro que lança o indivíduo na vida e, o remete a lidar com episódios concretos, repletos de tramas, tensões e forças, que o convidam e impelem, hodiernamente, a construção de si e da própria realidade social.

Há ainda, uma distinção oportuna, quando se fala em “gênero”, que diz respeito aos conceitos de gênero e sexo. Embora estas categorias possam parecer sinônimos, elas são utilizadas separadamente na literatura, para enfatizar a condição biológica e determinante do sexo e as construções sociais que envolvem as relações entre gênero. No entanto, nenhuma pessoa existe sem relações sociais, sempre que estamos nos referindo ao sexo, já estamos agindo de acordo com o gênero associado ao sexo daquele indivíduo com o qual estamos interagindo. Assim, “sexo” está associado ao biológico (macho/fêmea) e “gênero” abrange o aspecto relacional entre as mulheres e os homens, onde nenhum dos dois pode ser compreendido em estudos que os considere em separado (SOIHET, 1998, p.267).

Neste sentido, as relações entre gênero e sexo são marcadas pela percepção sobre as diferenças sexuais. Isso significa dizer que existem diferenças sim entre os corpos sexuados, no entanto, o importante ao olhar para essas relações, é mais importante perceber quais são as formas como se constroem significados culturais para essas diferenças, dando sentido as mesmas e, conseqüentemente, observando as posições hierárquicas que elas ocupam dentro de relações sociais (SCOTT, 1995).

Todas as sociedades apresentam, de algum modo, um sistema de regras e valores sobre gênero/sexo, ainda que os componentes e funcionamento deste sistema variem bastante de sociedade para sociedade. Ao estabelecer relações entre homens e mulheres é inevitável comparações habituais, que estão associadas a expectativas e padrões normativos, prescritos socialmente e, que regulam as relações dos indivíduos dentro de um sistema social. No ocidente, o conceito de gênero está colado ao de sexualidade promovendo grande dificuldade, no senso comum, de separar a problemática da identidade de gênero e a escolha do objeto sexual (GROSSI, 1989, p.6).

Assim, os estudos de gênero servem para apontar tudo que é social, cultural e historicamente determinado. Porém, aquilo que é associado ao sexo biológico, fêmea ou macho, em determinada cultura, é considerado papel de gênero, e estes papéis mudam de uma cultura para outra. O papel pode ser entendido, no sentido que se usa no teatro, ou seja, uma representação ou encenação de um personagem. Logo, papel social de gênero envolve um conjunto de comportamentos associados com masculinidade e feminilidade, em um grupo ou sistema social. Referem-se ainda, a um conjunto de padrões e expectativas de comportamentos que são aprendidos em uma sociedade, que corresponde aos diferentes gêneros e que conformam as identidades dos indivíduos que pertencem a estes grupos. São manifestações sociais ou representações sociais do que é ser “macho” ou “fêmea”, em diferentes culturas ou dentro da mesma cultura (GROSSI, 1989, p.7).

São símbolos e significados construídos sobre a base da percepção da diferença sexual, utilizados para a compreensão do universo observado, incluindo as relações sociais e, mais precisamente, as relações e os comportamentos de homens e mulheres. O processo de produção desses padrões de comportamentos não se dá de forma individual, mas depende das posições que esses indivíduos ocupam em uma determinada coletividade e em situações sociais concretas (CARVALHO, 2011).

Outro ponto de destaque é a possibilidade de mudança desses padrões de comportamento, na medida em que o comportamento dos indivíduos na sociedade é influenciado pela cultura (regras e valores coletivos) e pela disposição interna de cada sujeito. É fundamental identificar os diferentes comportamentos de gênero como uma ferramenta de análise fundamental para a compreensão do lugar ocupado pela categoria gênero na escala social e o valor socialmente dado a cada um dos grupos e, a partir daí ser possível a sua desconstrução e desnaturalização (SCOTT, 1995).

Além disso, é essencial assinalar que esses padrões não são absolutos e homogêneos, o que significa que é possível compreendê-los como expectativas socialmente assumidas pela sociedade, mas que não representam o conjunto de atitudes e comportamentos de todos os indivíduos dos grupos de forma homogênea. Assim, dizer que uma pessoa é uma mulher pode antecipar algo sobre os constrangimentos e expectativas, nas quais ela vai precisar lidar. Mas, ao mesmo tempo, não antecipa qualquer coisa, em particular, sobre quem ela é, o que ela faz, como ela vivencia sua posição social (YOUNG; BIROLI, 2013).

Desse modo, os estudos de gênero consideram as dimensões contraditórias, multifacetadas, polissêmicas e transacionais das relações dos sujeitos consigo mesmo, com os outros e em seu contexto social, histórico e cultural. Analisando que os papéis de gênero se constroem relacionalmente nos contextos em que vivem, é preciso inclinar-se aos estudos das dimensões, das dinâmicas e dos sentidos para ser possível, conhecer a complexidade dos processos das relações de gênero em suas matérias/abstrações até então não refletidas ou percebidas.

1.3. A desigual divisão sexual do trabalho

A história do século XIX revela que havia, na sociedade de modo geral, uma nítida divisão entre domínio público e privado. Os homens “pertenciam” à esfera pública, pois desempenhavam de forma predominante o papel de provedor da família, e as mulheres “pertenciam” à esfera privada, uma vez que o cuidado do lar funcionava como atividade de contrapartida ao sustento financeiro do marido. Nessa dicotomia entre o público e o privado se consubstanciou a divisão sexual do trabalho, homens provedores e mulheres cuidadoras (SOUZA, GUEDES, 2016).

A divisão sexual do trabalho nasce assim, de uma forma de divisão existente em decorrência das relações sociais de sexo. É construída e determinada historicamente e corresponde a cada tipo de sociedade, tradicionalmente traduzida numa designação dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva (KERGOAT, 2009).

Com as transformações no cenário socioeconômico, associadas as revoluções culturais e a força do movimento feminista no século XX, novas configurações sociais foram surgindo, fragilizando o modelo de homem provedor e da

mulher cuidadora. Todavia, no espaço doméstico, com as atribuições da educação dos filhos, e demais cuidados com a família, as mulheres continuam assumindo, em grande medida, essas atividades.

Essa desigualdade entre homens e mulheres é resultante da divisão sexual do trabalho. Essa percepção de desigualdade é fruto das conquistas feministas que elucidaram as relações entre divisão sexual trabalho doméstico e trabalho produtivo, sinalizando que essa persistência tem a ver com uma construção social de gênero sobre aquilo que é atribuído como responsabilidade e divisão de papéis entre homens e mulheres. (HIRATA; KERGOAT, 2007; HIRATA; MARUANI, 2003; KERGOAT, 1998; 2000)

A esse respeito, Brito e Oliveira (1997, p:252) esclarecem:

A divisão sexual do trabalho, portanto, não cria a subordinação e a desigualdade das mulheres no mercado de trabalho, mas recria uma subordinação que existe também nas outras esferas do social. Portanto a divisão sexual do trabalho está inserida na divisão sexual da sociedade com uma evidente articulação entre trabalho de produção e reprodução. E a explicação pelo biológico legitima esta articulação. O mundo da casa, o mundo privado é seu lugar por excelência na sociedade e a entrada na esfera pública, seja através do trabalho ou de outro tipo de prática social e política, será marcada por este conjunto de representações do feminino

Os papéis sociais destinados para homens e mulheres ainda representam uma força contumaz, e, nesse sentido, Victoria Camps pontua: “Mudaram as leis, mas não mudaram os costumes. Ou mudam tão lentamente que nem prestamos atenção. Estamos longe daquela igualdade paritária que seria o razoável numa democracia” (CAMPS, 2001, p.15), a autora lança uma questão polêmica, afirmando que ocorreu um movimento muito significativo de saída das mulheres do espaço privado para o público, mas não foi acompanhado pelo movimento inverso dos homens, cujo espaço, destinado socialmente há tempos, é o público. Estes deveriam adentrar o espaço privado para dividir as tarefas domésticas com suas companheiras e/ou esposas, o que formaria um movimento circular, denotando reciprocidade. Enquanto não ocorrer esse movimento, ainda permanecem as desigualdades entre homens e mulheres, evidenciadas no cotidiano através da divisão sexual do trabalho.

Outro aspecto importante a ressaltar, é que a divisão sexual do trabalho é anterior a divisão social do trabalho, pois esta já se apresentava em comunidades primitivas, anteriores ao conceito de classe, e tinha por finalidade o controle sobre a

reprodução das mulheres. Além disso, o trabalho das mulheres historicamente foi e é tratado como sendo de menor valor social comparado ao trabalho dos homens, recriando a subordinação feminina já existente em outras esferas e contribuindo para a continuidade da discriminação e desvalorização das mulheres (KERGOAT, 2009).

Nessa perspectiva, a divisão sexual do trabalho é um fenômeno que pode apresentar-se de diferentes formas, variando no tempo e no espaço. Esta variação ocorre em decorrência da economia e da cultura de um país e, conseqüentemente, das relações sociais estabelecidas entre homens e mulheres. Hirata, 2002, p:235) pontua que

embora a divisão sexual do trabalho se enraíze na atribuição prioritária do trabalho doméstico às mulheres, de modo algum pode ser considerada operante simplesmente no que diz respeito às mulheres, ao trabalho doméstico, à esfera do privado ou à da reprodução. Muito pelo contrário, trata-se de uma problemática (e não abertura de um novo campo regional), e de uma problemática que atravessa e dá sentido ao conjunto das relações sociais que a expressão 'divisão social do trabalho' abrange.

Para esta autora há dois princípios organizadores da divisão sexual do trabalho, o princípio da hierarquização e o da separação;

Essa forma particular da divisão social do trabalho tem dois princípios organizadores: o princípio de separação (existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres) e o princípio hierárquico (um trabalho de homem "vale" mais que um trabalho de mulher). Esses princípios são válidos para todas as sociedades conhecidas, no tempo e no espaço. Podem ser aplicadas mediante um processo específico de legitimação, a ideologia naturalista. Esta rebaixa o gênero ao sexo biológico, reduz as práticas sociais a "papéis sociais" sexuados que remetem ao destino natural da espécie (HIRATA; KERGOAT, 2007, p.599).

A divisão de espaços e a delimitação de papéis tanto no espaço produtivo como no reprodutivo mostram o quanto a divisão sexual do trabalho está presente em ambos os espaços, reafirmando as relações de opressão e reproduzindo os valores da sociedade patriarcal, da paradoxal dominação masculina e da submissão feminina.

Neste sentido, as reflexões de Pierre Bourdieu permitem perceber que a dominação masculina encontra todas as condições para seu pleno exercício. Para o autor, a dominação do homem sobre a mulher é exercida por meio de uma violência simbólica, compartilhada inconscientemente entre dominador e dominado, determinado pelos esquemas práticos do *habitus*, conforme explicitado:

O efeito da dominação simbólica (seja ela de etnia, de gênero, de cultura, de língua, etc.) se exerce não na lógica pura das consciências cognoscentes, mas através dos esquemas de percepção, de avaliação e de ação que são constitutivos dos *habitus* e que fundamentam, aquém das decisões da consciência e dos controles da vontade, uma relação de conhecimento profundamente obscura a ela mesma. (BOURDIEU, 2010, p. 49-50).

Por outro lado, se existe a dominação masculina, ela só é possível devido ao efeito da dominação simbólica ou da submissão feminina. Nesse sentido o autor discorre que:

[...] a lógica paradoxal da dominação masculina e da submissão feminina, que se pode dizer ser, ao mesmo tempo e sem contradição, espontânea e extorquida, só pode ser compreendida se nos mantivermos atentos aos efeitos duradouros que a ordem social exerce sobre as mulheres (e os homens), ou seja, às disposições espontaneamente harmonizadas com esta ordem que as impõem. (BOURDIEU, 2010, p. 49-50)

As relações de poder existentes entre homens e mulheres permanecem arraigadas na reprodução da ordem social e, com o passar dos tempos, receberam uma dose aparente de harmonia para apresentarem-se como naturais e próprias das relações entre homens e mulheres.

Sendo assim, ao organizar entendimentos sobre o trabalho da mulher e do homem, em uma sociedade capitalista globalizada, percebe-se que este cenário é marcado por especificidades e divisões sociais, que reafirmam o valor fixo destes papéis como maneira de organizar, estruturar e manter a sociedade. Essas concepções estão distribuídas em inúmeras áreas de atuação de mulheres e homens (organizacionais, funcionais, técnicas, sociais e sexuais), atingindo, principalmente, o emprego formal, e em tarefas domésticas diárias.

1.4. A divisão das tarefas domésticas entre homens e mulheres

Atualmente, são amplamente reconhecidos diversos estudos que dizem respeito à questão da divisão do trabalho doméstico entre homens e mulheres. Estes trabalhos, apresentam não só concepções sobre o assunto, como confrontam as representações com as práticas sociais, aferindo o grau de discrepância entre as

mesmas. Como refere Judith Treas, “o trabalho doméstico permanece em um lugar estratégico para o estudo das desigualdades de gênero” (TREAS, 2008, p.14).

O conceito de trabalho doméstico refere-se ao conjunto de atividades e tarefas diárias destinadas à produção de valores de uso, bem como os serviços necessários para atender às necessidades da reprodução da força de trabalho, Segundo Chávez Carapia,

Essas atividades e tarefas são realizadas dentro da família. Essas características do trabalho, da força de trabalho permitem uma abordagem para a relação capital-trabalho, uma vez que requer produção, manutenção e reprodução. Estas tarefas incluem: preparar refeições, lavar roupas, passar, costurar, limpar a casa, educar e acolher as crianças, cuidar dos doentes e idosos, a administração da economia doméstica, em suma, o conjunto de valores de uso que contribuem diretamente para a manutenção e reprodução da força de trabalho. (2005, p. 26-27).

A organização da unidade doméstica na sociedade brasileira, tem sido tradicionalmente definida pela cultura machista, que se processa em duas direções: ao marido-pai, e aos homens em geral, o papel de provedor de renda e à esposa-mãe, o da prestação de serviços, que estão relacionadas com a casa e que são representadas pelos serviços de cozinha, arrumação, limpeza, cuidados com os filhos, reconhecidas como “coisas de mulher”. Ou seja, nessa divisão tradicional, o homem está ligado ao mundo público do trabalho e a mulher ao mundo privado – a casa, o lar, os filhos (WOORTMANN,1993).

Os padrões desiguais de gênero no trabalho doméstico são relacionados por Pfau-Effinger (2004), com diferentes esquemas culturais ou, a determinadas crenças ou, ideologias aprendidas histórica e culturalmente. Neste sentido, Antonio Roazzi explica que “as crianças desde cedo vão se identificando com seus pais de sexo semelhante, reproduzindo os valores, entre eles, que fundamentarão o seu comportamento de adultos” (ROAZZI, 1999, p.4).

Assim, a divisão de tarefas e responsabilidades domésticas, que poderia ser uma equação simples, acaba tendo um impacto profundo na identidade de mulheres e homens, sobretudo, nas dos homens que se sentem, de alguma forma, “feminilizados” ao terem de assumir tarefas reconhecidas culturalmente como femininas. O autor afirma que o caminho para uma divisão igualitária das atividades domésticas está longe de ser alcançado, já que requer toda uma mudança

sociocultural, além de uma mudança nas representações dos papéis existentes designados e destinados para homens e para mulheres. Desse modo, a divisão igualitária das tarefas domésticas só será uma realidade quando a ideia de atividades domésticas como profissão feminina desaparecer (ROAZZI, 1999).

É compreensível as resistências masculinas em assumir o trabalho doméstico e a aceitação, em grande parte, das mulheres da responsabilidade sobre as atividades no âmbito doméstico, esteja associada a relações de poder assimétricas estabelecidas histórica e socialmente e, a existência de uma hierarquização entre atividades masculinas e femininas. A compreensão dessa realidade e, particularmente, das formas de reprodução da tradicional divisão sexual do trabalho, dependem do conhecimento da realidade e da análise das permanências, avanços e retrocessos nas formas de organização do trabalho tanto no âmbito público quanto no privado.

Sobre a divisão sexual do trabalho, Hirata e Kergoat (2007) a tratam a partir de duas definições: o aspecto sociográfico, que estuda a distribuição diferencial de homens e mulheres no mercado de trabalho e, o aspecto da divisão desigual do trabalho doméstico entre os sexos. Desta primeira definição, deriva uma segunda, que deve permitir ir além da constatação das desigualdades. Neste sentido, é oportuno lembrar que a identidade masculina é uma construção subjetiva baseada em signos de honra, prestígio e dominação. Sua solidez, acontece através das vivências interacionais e intersubjetivas, que por sua vez, funcionam como formas de controle social, a partir do momento em que estabelecem determinados códigos masculinos assumidos como legítimos e adequados. (OLIVEIRA, 2004). O autor chama a atenção ainda, para a masculinidade como um espaço simbólico de sentido estruturante que modela atitudes, comportamentos e emoções a serem seguidos. “Aqueles que seguem tais modelos não só são atestados como homens como também não são questionados pelos outros que compartilham desses símbolos” (p. 245).

Sendo assim, é válido reconhecer que desenvolvimento dos homens, na esfera pública, é garantido pela mulher, uma vez que, ela se dedica a reproduzir as condições e possibilidades para o exercício da liberdade do homem neste contexto, permanecendo circunscrita ao espaço destinado socialmente a ela. De outro modo, quando a mulher trabalha fora, ela divide seu tempo entre o trabalho remunerado (fora de casa) e o trabalho da unidade doméstica, ao passo que isso é raro de acontecer entre os homens (GAMBA, 2007).

Desta forma, quando homens ou mulheres defendem crenças e atitudes mais tradicionais, espera-se uma menor partilha do trabalho doméstico. Por outro lado, atitudes mais liberais e "não tradicionais" em linhas gerais, geram crenças mais igualitárias e referem-se a uma maior contribuição dos homens no trabalho doméstico (APPARALA *et al.* 2003; COLTRANE, 2000). Neste sentido o igualitarismo é considerado como uma variável mediadora na divisão do trabalho doméstico. Assim, valores mais modernos e individualistas influenciam valores mais igualitários, por outro lado, valores tradicionais e "familistas", ligados ao poder patriarcal, estão associados a valores menos igualitários e, conseqüentemente, a uma partilha menor do trabalho doméstico.

Com isso, valores culturais são padrões considerados bons ou modos corretos de ser e de agir em uma dada sociedade. Incluem estruturas cognitivas, dimensões comportamentais e afetivas, desempenham um papel importante no estabelecimento de propósitos pessoais e constituem a base para avaliação de si mesmo e dos outros (BROWN, 2002).

Baseando-se nessa compreensão, sujeitos de identidades masculinas e femininas orientam-se por papéis e roteiros sociais que fazem a manutenção das relações sociais de gênero. E mediante a ausência de questionamentos e discussões sobre gênero, o que é caracterizado como próprio do feminino e próprio do masculino, pode se cristalizar e determinar as identidades, coibindo outras possibilidades de ser.

2. DESCRIÇÃO METODOLÓGICA

2.1 Inserção e percurso no campo da pesquisa

O interesse da pesquisadora pelo presente estudo iniciou quando cursou a disciplina de Metodologia da Pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Psicologia, com o Prof. Dr. Antonio Roazzi e houve a oportunidade de conhecer a pesquisa “Lar-doce-lar”: Rainha ou Rei? A representação da participação masculina nas tarefas domésticas e a lógica de sua distribuição em casais de nível socioeconômico baixo”, realizado na cidade de Recife em 1999.

A partir daí, deu-se início ao planejamento e elaboração do projeto de pesquisa com o propósito de compreender os papéis sexuais que envolvem o homem e a mulher na sua relação cotidiana e, como esses papéis são produzidos na divisão dos trabalhos domésticos.

A pesquisa em psicologia como promotora da cidadania e dos direitos humanos, tem como papel social levantar proposições para a reflexão sobre as dimensões que constituem as subjetividades nas relações humanas. Isso por sua vez, requer que a própria psicologia reinvente sua epistemologia e seus métodos com contribuições das demais ciências.

Nesse estudo, lançamos mão de contribuições dos estudos de gênero, para buscar compreender os papéis sexuais vividos nas relações de gênero e a existência de uma hierarquização entre as atividades masculinas e femininas no espaço doméstico. Tal iniciativa pode revelar à construção do conhecimento novas

possibilidades de compreender os processos psicossociais e as principais demandas coletivas, que também são subjetivas, marcadas num tempo e num contexto.

O resgate do individual e da dimensão construtiva do conhecimento adquire significação essencial no caso da psicologia. O desenvolvimento de uma epistemologia para os processos envolvidos na construção teórica das formas mais complexas que hoje se integram à representação do objeto da psicologia, entre elas a subjetividade, exige identificar e satisfazer as necessidades epistemológicas subjacentes a essa construção, o que implica uma referência epistemológica no desenvolvimento de alternativas metodológicas que, de forma integral, respondam a uma maneira diferente de fazer ciência. (GONZALEZ REY, 2011, p.26).

Dentro dessa perspectiva, a qualidade científica não pode se restringir ao tipo de amostra ou da natureza dos dados, mas na maneira como a mesma se articula de maneira coerente nos aspectos teóricos e metodológicos, adaptando as técnicas e amostragens de pesquisa ao objeto e objetivos propostos. A pesquisa deve atender ao social, não somente compactá-lo em dados por técnicas e métodos, é um fazer implicado. A pesquisa deve dizer sobre o social e não meramente generalizá-lo.

Com relação aos objetivos, a pesquisa se caracteriza como descritiva e exploratória. A pesquisa iniciou-se pela fase exploratória, que consistiu em uma caracterização do problema, do objeto, dos pressupostos, das teorias e do percurso metodológico. Confirma Gil “que a pesquisa exploratória tem como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores” (GIL, 2000, p: 43), ou seja, estabelecer maior familiaridade com o problema.

Quanto a modalidade descritiva Vergara esclarece que “a pesquisa descritiva expõe as características de determinada população ou fenômeno, estabelecendo correlações entre variáveis e definindo sua natureza” (VERGARA, 2005, p: 4).

Complementando Augusto Treviños (1987) menciona que,

o estudo descritivo descreve com exatidão os fatos e fenômenos de determinada realidade, de modo que o estudo descritivo é utilizado quando a intenção do pesquisador é conhecer determinada comunidade, suas características, valores e problemas relacionados à cultura. (p.110)

A pesquisa de campo propõe uma integração dos dados obtidos pela pesquisa bibliográfica. Segundo José Filho 2006, p 64) "o ato de pesquisar traz em si a

necessidade do diálogo com a realidade a qual se pretende investigar e com o diferente, um diálogo dotado de crítica, canalizador de momentos criativos”. A tentativa de conhecer qualquer fenômeno constituinte dessa realidade busca uma aproximação, visto sua complexidade e dinamicidade.

Concordando, Fonseca diz “a pesquisa de campo caracteriza-se pelas investigações em que, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, se realiza coleta de dados junto a pessoas, com o recurso de diferentes tipos de pesquisa (FONSECA, 2002, p: 20).

No que tange a abordagem, buscou-se conjugar a pesquisa quantitativa à psicologia sócio-histórica do desenvolvimento humano que compreende tal processo como dinâmico e multifacetado. Essa articulação possibilitou um tratamento de dados que mais se aproxime da dimensão psicossocial dos participantes da pesquisa, visto que os dados serão um retrato provisório da vivência das pessoas (ROSA, 2002).

Esclarecendo Cecília Minayo diz:

Não existe um seria o lugar da “intuição”, da “exploração” e do “subjetivismo”; e o segundo, representaria “continuum” entre qualitativa e quantitativa em que o primeiro termo o espaço do científico, traduzido pelo “objetivismo”, pela “quantificação, pelas “técnicas estatísticas” e em “dados matemáticos”. A diferença entre qualitativo-quantitativo e de natureza. [...] O conjunto de dados quantitativos e qualitativos, portanto não se opõem. Ao contrário, se complementam, pois, a realidade abrangida por eles interage dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia. (MINAYO, 1994, p. 22)

A atividade de campo compreendeu o período de julho a novembro de 2018, quando então as primeiras dificuldades emergiram. No projeto de pesquisa, o estudo ocorreria em dois momentos: inicialmente seria feita a aplicação do protocolo com 80 participantes, de cada categoria, sendo 40 mulheres e 40 homens, divididos em 3 grupos etários em cada subgrupo com idades entre: 20 – 29; 30 – 39; 40-49 anos, totalizando 320 participantes. Finalizada a aplicação do protocolo, o passo seguinte estabelecia a composição de grupo de discussão organizado por cada categoria, observando-se as variáveis estruturais como: escolaridade, características socioeconômicas e faixa etária. Todavia, não foi possível atingir o número estimado de participantes da pesquisa devido à grande resistência manifestada pelos mesmos em participar. Convidados a responder o protocolo e esclarecidos sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa, a categoria dos Auxiliares de Limpeza, apesar de ter sido o maior número de participantes, foram os que mais se recusaram a responder

os protocolos, justificando estarem ocupados (as) e/ou verbalizando falta de interesse em participar da pesquisa. Com as demais categorias (Professores do magistério superior, Auxiliares administrativos e Técnicos administrativos em educação) as limitações foram semelhantes. A maioria dos funcionários convidados a participarem da pesquisa, negaram-se a responder o protocolo justificando falta de tempo por estarem muito ocupados.

Outras situações somaram-se a essas adversidades iniciais, contribuindo para que a pesquisa não avançasse como estava previsto. Embora tenha sido feito o convite pelo e-mail institucional para os funcionários que faziam parte das categorias de pesquisa e distribuídos avisos impressos nas áreas comuns como refeitório e espaços de convivência, para conhecimento dos Auxiliares de Limpeza haja vista que estes não teriam acesso a esse e-mail institucional, os sujeitos não compareceram nos dias e horários agendados para as reuniões dos grupos de discussão. Foram feitos três novos agendamentos, sem, contudo, haver a adesão dos sujeitos convidados, inviabilizando, por conseguinte que se realizasse o grupo de discussão, como parte da atividade da pesquisa.

Levanta-se aqui, algumas hipóteses que poderiam estar imbricadas à resistência dos participantes: a massiva realização de pesquisas no espaço da Universidade acarretou numa saturação dos funcionários e colaboradores; o fenômeno da resistência é um elemento das relações nas quais o poder é constituído e atravessa a instituição; as fronteiras construídas historicamente entre vida pública (espaço coletivo e de sociabilidade) e vida privada (espaço individual e de intimidade), constituíram um campo de resistência.

2.2 Aspectos éticos

Foi respeitada a autorização dos participantes, dispostos a realização da pesquisa, através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCL e do Termo de Anuência autorizado pelas instituições envolvidas. Considerou-se o compromisso com a análise dos benefícios e riscos em relação à pesquisa e a seus participantes, definidos na Resolução do Conselho Nacional de Saúde, número 510/2016, bem como o respeito ao anonimato, a privacidade individual e as demais proposições citadas de acordo com a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. O

projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amazonas, com parecer número 2.598.955, no dia 14 de abril de 2018.

2.3 Participantes

Os participantes da pesquisa foram divididos em quatro categorias, que reúnem o maior número de funcionários e, se diferenciam em termos de gênero (masculino e feminino) faixa etária (de 19 a 25 anos; de 26 a 32; de 33 a 39; de 40 a 45; de 46 a 52; mais de 52 anos), escolaridade (ensino fundamental incompleto e completo; ensino médio incompleto, completo e técnico; ensino superior incompleto e completo, especialista, mestre; doutor e pós-doutor).

Dos 135 respondentes, 45 (33,3%) são Professores do Magistério Superior concursados e substitutos das várias áreas de conhecimento das ciências humanas e sociais, biológicas, agrárias e exatas; 16 (11,9%) são Técnicos Administrativos em Educação, com nível superior; 15 (11,1%) são Auxiliares Administrativos com ensino médio; 60 (43,7%) são Auxiliares de Limpeza, terceirizados.

2.4 Critérios de inclusão e exclusão dos participantes

Os sujeitos da pesquisa foram abordados e, de acordo com seus interesses em participar da pesquisa, fizeram a adesão de suas participações nos procedimentos através de suas ciências via Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. Os critérios de inclusão dos participantes na pesquisa foram: a) ser servidor ou prestador de serviço na Universidade Federal do Amazonas, b) maior de 20 anos, casado ou vivendo em regime de união estável; c) ter filhos, d) demonstrar interesse em participar da pesquisa, assinar o TCLE.

Os critérios de inclusão foram eleitos a título metodológico, de forma a perceberem dados construídos na realidade, desta feita, configuraram-se com necessidades de ponto de partida e limites instrumentais, mas também conferiram possibilidades de exploração de uma realidade específica e orientam o foco da pesquisa sobre o que o pesquisador se propôs estudar.

Em seguida, alinhados aos critérios de inclusão, estabeleceu-se os critérios de exclusão: a) se recusar a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE; b) desistir de participar da pesquisa; c) pedir que seus dados sejam retirados da pesquisa.

O voluntariado dos participantes e a concordância da instituição são requisitos que permitem a viabilização de condições objetivas à pesquisa, tais como: a difusão de princípios teórico-metodológicos entre os trabalhadores, a identificação dos interessados em participar da pesquisa e a organização de grupos de trabalhadores e pesquisadores que participaram (HELOANI; LANCMAN, 2004).

2.5 Materiais

Foram utilizadas canetas esferográficas, protocolo e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido impresso para cada participante; cartuchos de tinta para impressora, papel ofício A4, envelopes, pastas plásticas e caixa de arquivo.

A aplicação dos protocolos ocorreu em espaços distintos da Universidade Federal do Amazonas (departamentos, sala dos professores, espaço de convivência, coordenações de cursos, entre outros) e contou com o apoio dos auxiliares de pesquisa do Laboratório de Desenvolvimento Humano - LDHU. Há de se considerar a importância da participação dos auxiliares, pela disponibilidade de tempo e empenho na realização da coleta de dados, contribuindo para que a aplicação do protocolo se efetivasse.

O instrumento utilizado na pesquisa foi um protocolo com versão para homens e mulheres composto por treze itens sobre atividades domésticas, disponível no estudo ““Lar-doce-lar”: Rainha ou Rei? A representação da participação masculina nas tarefas domésticas e a lógica de sua distribuição em casais de nível socioeconômico baixo”, realizado por Roazzi em 1999. Este instrumento foi adaptado pela pesquisadora inserindo mais quatro itens de atividades domésticas que fazem parte do cotidiano do lar, totalizando dezessete itens (Apêndices A e B), em consonância com a realidade sócio econômica dos participantes, possibilitando avaliar com maior clareza o comportamento masculino e feminino e suas formas de representação no espaço doméstico. O instrumento é composto de informações sobre:

- **Parte 1. Dados sociodemográficos:** (idade, sexo, número de filhos, idade e sexo dos filhos, tempo de casamento, renda familiar, escolaridade, profissão, ocupação formal e se existe empregada doméstica no lar);
- **Parte 2. Relações entre indicadores sociodemográficos:** Para cada atividade, os sujeitos da pesquisa responderam a quatro perguntas, atendendo a uma escala de *Likert* de 1 a 4. As perguntas versam sobre:
 - a) Você está satisfeita com a forma que seu **marido** participa das atividades domésticas?
 - b) Qual o nível de dependência econômica em relação ao seu cônjuge?
 - c) Em caso de separação, qual o nível de dependência em relação ao seu cônjuge?
 - d) De maneira geral, qual o nível de satisfação em relação ao seu casamento?
- **Parte 3. Atividades domésticas, distribuídas em questão A – B – C:** Para cada questão, os sujeitos responderam a 17 itens, obedecendo uma escala de *Likert* de 1 a 4.
 - a) Em que medida você concorda ou discorda com a participação dos homens nas atividades domésticas abaixo relacionadas?
 - b) Em geral, qual é o nível de participação do seu marido nas seguintes atividades domésticas?
 - c) Em situações de emergência (viagem, doença, etc.) qual é o nível de participação do seu marido nas seguintes atividades domésticas?

2.6. Confiabilidade do instrumento

Para medir a confiabilidade do instrumento da escala de *Likert* (1 a 4) mencionada para questões A, B e C, foi utilizado o coeficiente de *Alpha de Cronbach's*, para verificar a adequabilidade da escala utilizada. O resultado foi de 0,935; 0,857 e 0,913, respectivamente, o que indicou uma alta consistência interna das escalas.

A confiabilidade é definida através do quanto uma medição está livre de erros amostrais. A confiabilidade externa refere-se à possibilidade de outros pesquisadores, utilizando instrumentos semelhantes, observarem fatos idênticos e a confiabilidade

interna refere-se à possibilidade de outros pesquisadores fazerem as mesmas relações entre os conceitos e os dados coletados com iguais instrumentos (RICHARDSON, 2008).

O autor afirma ainda que um coeficiente de confiabilidade está sempre representado por um valor numérico que varia entre zero e um e que reflete a estabilidade ou consistência das medições obtidas por meio de determinado instrumento. Os valores de alfa mais próximo de 1 (um) têm maior consistência interna e os valores próximo de 0 (zero) apresentam baixa consistência interna.

2.7 Procedimentos

Foi encaminhado o Termo de Anuência para a PROGESP – Pró Reitoria de Gestão de Pessoas solicitando autorização para realização da pesquisa e a listagem dos servidores da instituição de ensino. Em seguida, foi enviado pelo e-mail institucional um convite aos servidores para participarem da pesquisa, de acordo com as categorias estabelecidas: Professor do Magistério Superior; Técnico Administrativo em Educação e Auxiliar Administrativo.

Considerando que a outra categoria corresponde aos Auxiliares de Limpeza, são provenientes de uma empresa terceirizada e, por conseguinte, não teriam acesso ao e-mail institucional, foi enviado um ofício para a Prefeitura do Campus solicitando a indicação do responsável pela empresa prestadora de serviços para o qual foi enviado o Termo de Anuência solicitando autorização para realização da pesquisa sendo, posteriormente, selecionados e convidados os colaboradores participantes.

Todos os participantes preencheram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), comprovando a autorização e aceitação de cooperação com a pesquisa. Este processo ocorreu antes da aplicação do protocolo de pesquisa.

2.8. Coleta de dados

O protocolo da pesquisa foi aplicado em 135 participantes, distribuídos nas categorias, conforme descrito no item participantes. Para a coleta de dados, este estudo utilizou informações de fontes primárias. Consoante Gilberto Martins “os dados

coletados em publicações, cadastros, fichários [...] são denominados dados secundários” (MARTINS, 2000, p. 47).

A participação dos sujeitos da pesquisa se deu por livre adesão à atividade, a partir do convite feito e dos esclarecimentos sobre os objetivos e procedimentos do estudo. Compreendendo que o sujeito “é ativo no curso da pesquisa, e não simplesmente um reservatório de respostas, prontas a expressar-se” (GONZALEZ REY, 2011, p.55), a aplicação do protocolo foi realizada por meio de entrevista direta, quando os participantes espontaneamente fizeram comentários sobre os itens respondidos, a respeito das atribuições de homens e mulheres nas atividades doméstica. Estas informações foram transcritas e utilizadas para subsidiar as análises qualitativas.

2.9 Análise dos dados

Após a aplicação do protocolo, foram feitas as transcrições das informações coletadas, para análise e discussão dos resultados. Os dados foram avaliados através de análise fatorial e multidimensional, sendo tratados no programa SPSS (*Statistica Package For Social Science*) e feitos o teste de *Bartlett* para medir a força da correlação na análise fatorial e o KMO (*Kaiser Meyer Olkin*) para aferir a adequação para a base de dados. A articulação desses dois métodos de análise estatística foi assegurar uma melhor compreensão acerca da estrutura relacional entre os fatores do protocolo e seus respectivos itens, bem como possibilitar a analisar dos perfis quantitativamente, preservando a possibilidade de detectar também diferenças a nível qualitativo.

2.9.1. Análise Fatorial

A análise fatorial é uma técnica multivariada e tem por objetivo reduzir o número de variáveis, agrupando-as em número menor de fatores (Dimensão de estado), quando se constrói um modelo de análise e à classificação das variáveis de modo que exibam a estrutura subjetiva que por ventura exista entre elas. Dessa forma

é possível identificar as dimensões, facilitando a análise dos dados, visto que será obtido um número menor de dimensão do que o número inicial de variáveis.

O que isto significa? Significa que ao considerar o objetivo específico 1, busca-se identificar os papéis sexuais vividos nas relações do gênero e a existência de uma hierarquização entre as atividades masculina e feminina, portanto, buscou-se construir um modelo de análise para identificar se existe separação das atividades domésticas entre homens e mulheres.

A análise fatorial (AF) é um processo alternativo de mensuração e identificação das variáveis “que caminham juntas”, ou seja, variáveis que apresentam a mesma estrutura subjacente (TABACHINICK; FIDELL, 2007). A principal função das diferentes técnicas de análise fatorial é reduzir uma grande quantidade de variáveis observadas a um número reduzido de fatores. Ao resumir dados, a análise fatorial obtém dimensões latentes que descrevem os dados em um número menor de conceitos do que as variáveis originais (HAIR et al, 2006, p. 91). Assim, procuraremos descobrir quais atividades domésticas (variáveis) na visão dos participantes possuem maior fator de importância.

Para que o modelo de análise fatorial possa se adequadamente a medida de adequabilidade da amostra que é fundamental nesse princípio é o coeficiente de *Kaiser-Meyer-Olkin* (KMO) proposto por KAISER (1970). Esse coeficiente varia entre 0 e 1, quanto mais perto de 1, tanto melhor. PALANT (2007) sugere valor acima de 0,6 como limite razoável para adequação da AF.

Segundo Kaiser; Rice (1974) indicam que, para a adequabilidade de ajuste de um modelo de análise fatorial, o valor de KMO deve ser maior ou igual a 0,8. Segundo este critério, o valor encontrado nas três questões, a questão B apresentou um valor aproximado ao ponto de corte para análise, e neste caso, cabe o pesquisador considerar ou não para análise.

Tabela 1: Resultado estatístico para adequação da amostra.

Questão	Adequação da amostra por KMO
A	0,904
B	0,791
C	0,862

Fonte: Pesquisa de campo, 2018

No que concerne ao padrão de correlação entre as variáveis, a matriz de correlações deve exibir a maior parte dos coeficientes com valor acima de 0,30. O ajuste de um modelo de análise fatorial dos dados pressupõe que as variáveis resposta sejam correlacionadas entre si. Desse modo, é possível construir teste de hipótese para avaliação da matriz de correlação populacional (Timm, 2002; Rencher, 2002) e utilizar a estatística de teste de esfericidade de Bartlett (Rencher, 2002) que deve ser estatisticamente significativa ($p > 0,05$). As hipóteses testadas são: $H_0: P_{p \times p} = I_{p \times p}$ contra $H_1: P_{p \times p} \neq I_{p \times p}$, onde, $I_{p \times p}$ é a matriz identidade e $P_{p \times p}$ é a matriz de correlação teórica das p -variáveis. A hipótese nula, nesse caso, é equivalente a testar se as variáveis são independentes, ou seja, não existe correlação.

Por fim, o modelo de análise fatorial é construído a partir da matriz de correlação teórica que é um modelo que relaciona linearmente as variáveis padronizadas (faz-se uso das médias e variâncias) e os m fatores comuns que, a princípio, são desconhecidos. A equação do modelo é dada (MINGOTI, p. 101-102, 2005):

$$Z_1 = l_{11}F_1 + l_{12}F_2 + \dots + l_{1m}F_m + \varepsilon_1$$

Onde,

l_{mm} : são coeficientes armazenados na matriz de parâmetros constantes, os quais precisam ser estimados por algum mecanismo.

$F_{m \times 1}$: é um vetor aleatório contendo m fatores, também chamados de variáveis latentes, que descrevem os elementos da população em estudo.

Z_1 : são variáveis que estão relacionadas linearmente com novas variáveis F .

A matriz de componente extraída pelo sistema estatístico SPSS – *Statistical Package for the Social Science*, deve-se observar as cargas fatoriais de cada variável e identificar as variáveis que apresentam elevadas cargas. Hair *et al* (2006) sugeriu que cargas fatoriais acima de 0,40 como limite aceitável da contribuição para a construção do modelo fatorial.

2.9.2. Análise de Variância

Segundo Vrgilito (2010), a análise de variância (ANOVA) é uma técnica utilizada para comparar, duas ou mais variáveis, e testar se há ou não igualdade entre as medias populacionais de onde tais amostras foram retiradas.

Neste trabalho foi verificado se existe diferença entre os sexos e grupos dos participantes e para isso as hipóteses construídas foram:

H_0 , a hipótese nula, afirma que as médias são iguais e, portanto, as amostras do sexo e grupos, não causam efeito sobre a variável estudada.

H_1 , a hipótese alternativa, afirma que as médias não são iguais e, assim, diz-se que o fator (sexo e grupo) é o causador das diferenças de médias das atividades domésticas.

O nível de significância α (0,01 ou 0,05) foi adotado como medida de mensuração de erro para tomada de decisão em relação as hipóteses do modelo.

2.9.3. Comparação múltipla – Teste de Tukey

Ao rejeitar a hipótese nula e aceitar a hipótese alternativa na ANOVA – de que as médias não são iguais – ainda não é possível saber quais dentre as médias populacionais entre os grupos/sexo são iguais e quais são diferentes. Em geral, é de interesse realizar diversas (talvez, todas as possíveis) comparações correlacionadas entre os fatores.

Dentre as comparações múltiplas, têm-se os Testes de *Tukey*, *Dunnet*, LSD, Duncan, dentre outros. Optou-se por utilizar o teste de *Tukey* para condução das comparações múltiplas porque permite testar dados não balanceados. O Teste proposto por *Tukey* (1953) é também conhecido como teste de *Tukey* da diferença honestamente significativa (*honestly significant difference*) e teste de *Tukey* da diferença totalmente significativa (*wholly significant difference*), ou seja, consiste em definir a menor diferença significativa.

Tukey (1953) se preocupava no controle do erro tipo I (rejeitar a hipótese nula, H_0 , quando é verdadeira). A opção proposta de apenas um valor de diferença mínima significativa, a despeito da existência de várias médias, caracterizou o teste como extremamente rigoroso, que embora controlasse muito bem o erro tipo I, permitia o

aparecimento do erro tipo II. O valor único proposto por *Tukey* coincide com o valor máximo do SNK, ou seja, equivalente à comparação entre a maior e a menor média.

$$d.m.s.Tukey = q \cdot \sqrt{\frac{S_e^2}{r}}$$

onde **q** é o valor tabelado por *Tukey* em função do número de tratamento e dos graus de liberdade do resíduo. Para obter o valor da diferença mínima significativa (d.m.s.) pelo teste de *Tukey* basta calcular:

$$d.m.s. = q \cdot \sqrt{\frac{QMR}{r}}$$

onde **q** é o valor dado na tabela ao nível de significância estabelecido, QMR é o quadrado médio do resíduo da análise de variância e r é o número de repetições de cada um dos tratamentos. De acordo com o teste, duas médias são estatisticamente diferentes toda vez que o valor absoluto da diferença entre elas for igual ou maior que a d.m.s. (VIEIRA et al., 1989).

Na análise de dados qualitativos, foi utilizado a análise de conteúdo de Laurence Bardin, como base analítica das informações coletadas. De acordo com a autora a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas que visa compreender as comunicações, através de indicadores, que permita fazer inferências e interpretações. (BARDIN, 1977). Este processo é feito com base na eleição de categorias que foram verificadas e organizadas quanto a sua frequência. Tem o objetivo de compreender os significados intrínsecos presentes no discurso, e as interpretações que os participantes apresentaram em relação a designação e distribuição das tarefas cotidianas do lar no espaço doméstico.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo serão apresentados os resultados das informações coletadas através dos protocolos, organizadas e discutidas a luz do referencial teórico em três partes: Parte 1 – Fatores Socioeconômicos, Parte 2 – Análise Fatorial e Parte 3 – Análise em Relação aos Objetivos.

Parte 1 - FATORES SÓCIOECONÔMICOS

Os resultados apresentados compreendem a análise socioeconômica de 135 participantes, não considerando a desagregação dos grupos de Professor, Auxiliar Administrativo, Técnico Administrativo em Educação e Auxiliar de limpeza. Foram decompostos aspectos relativos a idade, número de filhos, escolaridade, profissão, tempo de casamento e renda familiar segundo o gênero. Outrossim, os dados estão organizados em cinco categorias indicadores sociais, relação entre os indicadores, conjugalidade e gênero, renda familiar e dependência financeira.

3.1. INDICADORES SOCIAIS

Nesta categoria são apresentados os dados e discutidas as informações referentes a gênero, idade, escolaridade e profissão, respectivamente, conforme o gráfico e as tabelas a seguir.

GÊNERO

Tabela 2: Frequência (Fr.) e percentual (%) dos participantes.

GÊNERO	Fr.	%
Feminino	76	56,3%
Masculino	59	43,7%
Total	135	100,00%

Fonte: Pesquisa de campo, 2018

Dos 135 entrevistados, 56,3% são do gênero feminino o que corresponde a 76 mulheres e 43,7% do masculino, o que corresponde a 59 homens. Ocorreu uma tentativa de manter uma certa igualdade entre os percentis dos entrevistados, preocupação para que a pesquisa não fosse enviesada. A adoção do termo gênero para especificar os respondentes diz respeito ao diálogo na qual Scott (1995) afirma que os estudos sobre mulheres e homens devem ser realizados de modo recíproco, na qual uma categoria compõe a outra. Davis (1975) corrobora com essa visão ao afirmar que compreender os “sexos” auxilia na descoberta do leque de papéis e simbolismos sexuais diferentes na sociedade, seu sentido e suas lógicas para manter ou mudar a ordem social.

IDADE

Tabela 3: Idade dos participantes segundo o gênero.

IDADE	Feminino		Masculino		Total	
	Fr.	%	Fr.	%	Fr.	%
Até 25	2	2,7%	4	6,9%	6	4,5%
De 26 a 32	11	14,7%	7	12,1%	18	13,5%
De 33 a 39	21	28,0%	16	27,6%	37	27,8%
De 40 a 45	20	26,7%	12	20,7%	32	24,1%
De 46 a 52	9	12,0%	12	20,7%	21	15,8%
Mais de 52	12	16,0%	7	12,1%	19	14,3%
Total	75	100,0%	58	100,0%	133	100,0%

Fonte: Pesquisa de campo, 2018

Tabela 4: Idade segundo o gênero.

GÊNERO	IDADE (Anos)				AMOSTRA
	Mínima	Máxima	Média	Desvio Padrão	
Feminino	25	70	42,16	10,24	75
Masculino	19	62	41,19	10,00	58
Total	-	-	41,74	10,1	133

Nota: 2 participantes não responderam

Fonte: Pesquisa de campo, 2018

Quanto à idade, dos 135 participantes 2 não responderam, sendo um do gênero feminino e um do masculino. Os resultados representam a distribuição da idade em seis faixas etárias. No geral, dos 133 que responderam este item, 27,8% estão na faixa etária entre 33 a 39 anos, seguida de 24,1% na faixa de 40 a 45 anos. Os correspondentes gêneros, feminino e masculino seguiram a mesma proporcionalidade da análise geral, em que a maioria das mulheres correspondeu a 28,0% com idade entre 33 e 39 anos e os homens na mesma faixa com 27,6%.

A menor idade observada dos 133 respondentes foi do gênero masculino com 19 anos e a maior também do masculino com idade de 62 anos. No gênero feminino a menor idade foi de 25 anos e máxima de 70 anos. Idade média das mulheres foi de 42,16 anos e 41,19 o masculino. Com relação ao desvio padrão da idade, ambos os gêneros apresentaram valores aproximados sendo 10,24 para o feminino e 10,00 para masculino.

Tais resultados colaboram com dados do IBGE (2010) que sinalizam transformações na pirâmide etária da população brasileira ao longo dos anos e indicam uma mudança no perfil demográfico do país. Segundo este órgão a média de idade está classificada da seguinte maneira: pessoas jovens (até 19 anos), adultas (de 20 a 59 anos) e idosas (a partir de 60 anos de idade). Correlacionando tais informações a pesquisa ora investigada é possível perceber que os entrevistados correspondem a dados da população adulta, economicamente ativa, apta a exercer algum tipo de trabalho. Isto está explicado pelo fato de o estudo ter sido realizado em espaço público de universidade com trabalhadores. Os percentis apresentados correspondem equitativamente a homens e mulheres trabalhadores adultos.

ESCOLARIDADE

Tabela 5: Escolaridade dos participantes segundo o gênero.

ESCOLARIDADE	Feminino		Masculino		Total	
	Fr.	%	Fr.	%	Fr.	%
Ens. Fund. Inc.	3	4,0%	0	0,0%	3	2,2%
Ens. Fund. Comp.	17	22,7%	5	8,5%	22	16,4%
Ens. Med. Inc.	0	0,0%	3	5,1%	3	2,2%
Ens. Med. Comp.	23	30,7%	10	16,9%	33	24,6%
Ens. Med. Tec.	2	2,7%	0	0,0%	2	1,5%
Ens. Sup. Inc.	0	0,0%	2	3,4%	2	1,5%
Ens. Sup. Comp.	12	16,0%	14	23,7%	26	19,4%
Especialista	2	2,7%	3	5,1%	5	3,7%
Mestre	7	9,3%	4	6,8%	11	8,2%
Doutor(a)	8	10,7%	18	30,5%	26	19,4%
Pós-Doutor	1	1,3%	0	0,0%	1	0,7%
Total	75	100,0%	59	100,0%	134	100,0%

Nota: 01 não respondeu e corresponde ao sexo feminino.

Fonte: Pesquisa de campo, 2018

Dos 134 que responderam o quesito escolaridade, a maioria (24,6%) possuem o ensino médio completo, seguido de 19,4% com ensino superior completo, 8,2% mestre e 19,4% doutores. As mulheres possuem em sua maioria educação básica compreendendo do ensino fundamental incompleto ao ensino médio técnico, o que equivale a 45 delas (60,1%). Os homens na mesma categoria analisada com relação as mulheres correspondem a 18 participantes com 30,5% de escolaridade equivalente a educação básica. No ensino superior completo a mulheres correspondem 12 (16,0%) enquanto os homens equivalem a 14 (23,7%). No nível especialização as mulheres correspondem a 2 (2,7%) e os homens a 3 (5,1%). Na categoria de mestrado, as mulheres correspondem a 7 (9,3%) e os homens a 4 (6,8%). No doutorado, o maior percentual é masculino com 18 (30,5%) e as mulheres 8 (10,7%).

Foi observado neste estudo que os dados de escolaridade entre mulheres e homens, na educação básica e ensino médio apresentam equidade. No entanto, os dados sobre o ensino superior, especialização e doutorado demonstram percentis superiores dos homens em relação as mulheres.

Segundo os dados do IBGE (2018) existe uma vantagem educacional das mulheres em relação aos homens, que foi mensurada a partir de diversos indicadores sociais. Essa trajetória escolar desigual, está relacionada a papéis de gênero e a entrada precoce de homens no mercado de trabalho, colaborando para que mulheres alcancem uma média no nível de instrução superior ao dos homens, em função da tripla jornada de trabalho da mulher.

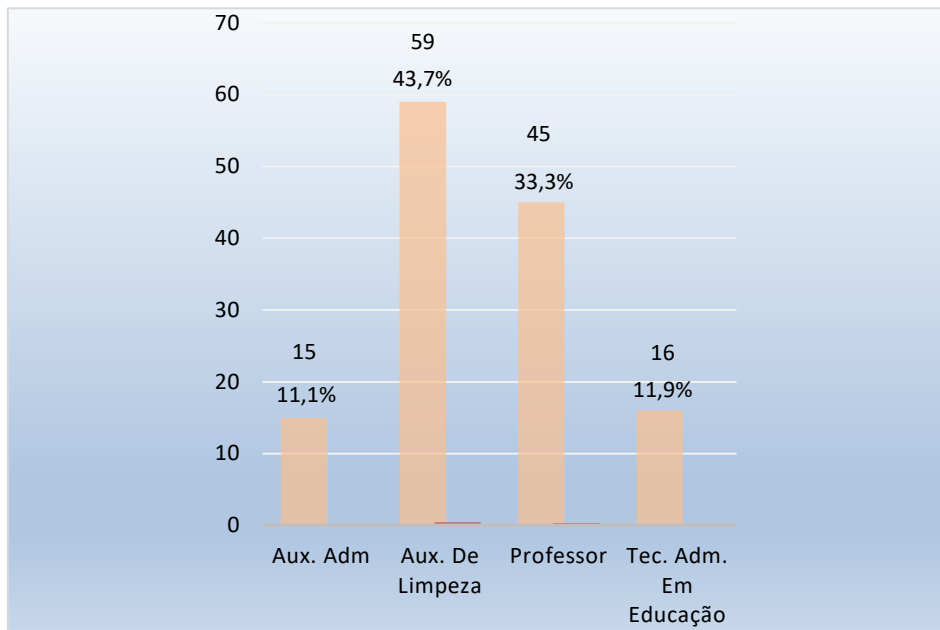
Porém, nesta investigação, os dados encontrados não coadunam com as pesquisas desenvolvidas pelo censo brasileiro e orientam questionamentos do porquê tais informações caminharem na direção oposta à da sociedade. O próprio censo elucida que mesmo lentamente, o processo de mudança de padrões culturais de gênero colaborou para a diminuição das barreiras as entradas das mulheres no mercado de trabalho, reduziu a fecundidade e elevou a escolaridade delas nas últimas décadas. Logo, como as informações encontradas no campo sinalizam o contrário?

Talvez a hipótese de que o campo do trabalho, na universidade investigada, seja um espaço com poucas discussões sobre questões de gênero e, ainda esteja regido por padrões legitimadores da lógica tradicional. Isso porque o diálogo sobre gênero propõe a articulação entre o sujeito individual e a organização social que implica, não a busca por uma causalidade geral e universal, mas sim de um significado (Scott, 1995). Ou seja, é no seio do saber que as relações sociais se configuram em relações de poder estabelecendo hierarquias, e isso, inclui ideias, práticas cotidianas, estruturas de pensamento, espaços coletivos, entre outras formas que compõem a vida social, extrapolando o conceito de gênero como algo do indivíduo e abarcando a estrutura social em si.

Outro aspecto, envolve questões políticas sobre o papel que a universidade ocupa na região. Por este ambiente, ter sua trajetória histórica marcada por tramas, forças e tensões políticas próprias, a história das mulheres ser marcada por silenciamentos e negação do acesso à educação, ao mesmo tempo, as trajetórias femininas se colocam como principal vetor de questionamento das lógicas ocidentais, é compreensível que as mulheres trabalhadoras da universidade, ainda precisem conquistar este espaço e legitimá-lo com políticas de equidade de gênero, a fim de diminuir os distanciamentos presentes no espaço educativo e aproximar a universidade de seu papel na formação de cidadãos críticos na região.

PROFISSÃO

Gráfico 1: Distribuição de frequência e percentual da profissão dos participantes



Fonte: Pesquisa de campo, 2018

Quanto a profissão dos 135 participantes, 59 respondentes (43,7%) são Auxiliares de Limpeza, seguido de 45 Professores (33,3%), 16 Técnicos Administrativo em Educação (11,9%) e 15 Auxiliares administrativos (11,1%).

Neste aspecto, os percentis apresentados dizem respeito as dificuldades encontradas para realizar a pesquisa. Os profissionais ligados a atividades de limpeza foram mais acessíveis ao pesquisador do que os professores, técnicos e auxiliares administrativos. A resistência do público alvo para responder ao questionário, talvez seja melhor explicada a partir de considerações sobre a dinâmica das relações do mundo do trabalho e suas interações entre sujeito e instituição, que podem envolver (poder, institucionalização, condições de trabalho, etc.) não cabendo aqui aportes teóricos que desviam o foco da pesquisa.

3.2. RELAÇÃO ENTRE INDICADORES SOCIAIS

Nesta categoria são apresentados os dados e discutidas as informações referentes as relações entre: profissão x escolaridade, gênero e escolaridade x número de filhos, idade x gênero dos filhos.

PROFISSÃO *versus* ESCOLARIDADE

Tabela 6: Profissão e Nível de Escolaridade dos participantes, segundo o gênero.

ESCOLARIDADE	Feminino		Masculino		Total	
	Fr.	%	Fr.	%	Fr.	%
Auxiliar Administrativo	4	5,3%	10	16,9%	14	10,4%
Ens. Med. Comp.	0	0,0%	4	6,8%	4	3,0%
Ens. Sup. Inc.	0	0,0%	2	3,4%	2	1,5%
Ens. Sup. Comp.	2	2,7%	2	3,4%	4	3,0%
Especialista	2	2,7%	2	3,4%	4	3,0%
Auxiliar de Limpeza	45	60,0%	14	23,7%	59	44,0%
Ens. Fund. Inc.	3	4,0%	0	0,0%	3	2,2%
Ens. Fund. Comp.	17	22,7%	5	8,5%	22	16,4%
Ens. Med. Inc.	0	0,0%	3	5,1%	3	2,2%
Ens. Med. Comp.	23	30,7%	6	10,2%	29	21,6%
Ens. Sup. Comp.	2	2,7%	0	0,0%	2	1,5%
Professor	21	28,0%	24	40,7%	45	33,6%
Ens. Sup. Comp.	5	6,7%	6	10,2%	11	8,2%
Mestre	7	9,3%	0	0,0%	7	5,2%
Doutor(a)	8	10,7%	18	30,5%	26	19,4%
Pós-Doutor	1	1,3%	0	0,0%	1	0,7%
Téc. Adm. em Educação	5	6,7%	11	18,6%	16	11,9%
Ens. Med. Tec.	2	2,7%	0	0,0%	2	1,5%
Ens. Sup. Comp.	3	4,0%	6	10,2%	9	6,7%
Especialista	0	0,0%	1	1,7%	1	0,7%
Mestre	0	0,0%	4	6,8%	4	3,0%
Total Geral	75	100,0%	59	100,0%	134	100,0%

Nota: 01 não respondeu do sexo feminino; as porcentagens correspondem ao total das colunas.

Fonte: Pesquisa de campo, 2018

Dos 134 entrevistados, 44,0% são profissionais de auxiliar de limpeza e destes, a maioria são mulheres (45) com 60,0%. Observa-se que as mulheres com relação a profissão de auxiliar de limpeza possuem nível escolar de ensino fundamental completo com 22,7%, e ensino médio completo 30,7%. Para os homens esses valores correspondem a 8,5% e 10,2% respectivamente.

Buscou-se verificar se os baixos níveis de escolaridade estão associados com a profissão dos entrevistados. Os resultados do teste qui-quadrado resultaram em valor de probabilidade de 0,0% e considerando o nível de margem de 5% de significância, podemos concluir que os níveis de escolaridade estão relacionados a

profissão, ou seja, o baixo nível de escolaridade está associado ao baixo nível de profissão, como, 59 (44,0%) participantes do total são auxiliares de limpeza e 29 (21,6%) destes possuem o ensino médio completo.

As relações entre profissão e escolaridade são melhor explicadas a partir de dados do IBGE (2018) que sinalizam um avanço das estatísticas de gênero para as mulheres em função da maior participação delas no mercado de trabalho, crescente escolarização, redução da fecundidade, disseminação de métodos contraceptivos e maior acesso a informação. No entanto, apesar das mudanças, as mulheres seguem dedicando-se a atividades relacionadas aos afazeres domésticos e cuidados em maior proporção do que os homens. Estes dados são corroborados na pesquisa quando se percebe que na profissão auxiliar de limpeza, as mulheres ocupam a maioria dos cargos, muito embora, apresentem níveis de escolaridade melhores quando comparadas aos homens do mesmo grupo.

GÊNERO, ESCOLARIDADE *versus* NÚMERO DE FILHOS

Tabela 7: Quantitativo entre gênero e escolaridade segundo o número de filhos.

ESCOLARIDADE	NÚMERO DE FILHOS						Total	Média
	1	2	3	4	5	7		
Feminino	14	31	17	7	5	1	75	2,5
Ens. Fund. Inc.	0	0	2	0	1	0	3	3,7
Ens. Fund. Comp.	1	6	3	5	2	0	17	3,1
Ens. Med. Comp.	4	9	6	2	1	1	23	2,6
Ens. Med. Tec.	0	2	0	0	0	0	2	2,0
Ens. Sup. Comp.	3	6	2	0	1	0	12	2,2
Especialista	1	1	0	0	0	0	2	1,5
Mestre	2	3	2	0	0	0	7	2,0
Doutor(a)	3	4	1	0	0	0	8	1,8
Pós-Doutor	0	0	1	0	0	0	1	3,0
Masculino	21	24	10	4	0	0	59	1,9
Ens. Fund. Comp.	3	1	1	0	0	0	5	1,6
Ens. Med. Inc.	0	1	2	0	0	0	3	2,7
Ens. Med. Comp.	3	4	1	2	0	0	10	2,2
Ens. Sup. Inc.	0	1	1	0	0	0	2	2,5
Ens. Sup. Comp.	7	5	1	1	0	0	14	1,7
Especialista	2	0	0	1	0	0	3	2,0
Mestre	2	1	1	0	0	0	4	1,8
Doutor(a)	4	11	3	0	0	0	18	1,9
Total Geral	35	55	27	11	5	1	134	2,3

Nota: 1 Não respondeu.

Fonte: Pesquisa de campo, 2018

No cruzamento entre gênero, escolaridade e número de filhos, pode-se observar que o menor número de filhos corresponde ao maior nível de escolaridade. Os doutores possuem no máximo três filhos cuja média é de 1,9 filhos. O sexo feminino é que eleva a média de número de filhos com 2,5 filhos em média. A maioria das mulheres, 23 respondentes, que possuem os maiores quantitativos de filhos, possuem nível de escolaridade baixo, ou seja, ensino médio completo.

As relações entre gênero, quantidade de filhos e escolaridade são melhor compreendidas, ainda, a partir de dados do IBGE (2018) que demonstram mudanças nas estatísticas de gênero para as mulheres em função da maior participação delas no mercado de trabalho, crescente escolarização, redução da fecundidade, disseminação de métodos contraceptivos e maior acesso a informação. No entanto, as mulheres seguem tendo o maior número de filhos que os homens em todos os grupos de escolaridade, o que pode explicar o tempo menor de estudo em função do tempo que as mulheres dedicam aos cuidados com os filhos.

O levantamento aponta também que cuidar da casa não está diretamente ligado a poder ou a dinheiro. Nas moradias onde o homem é o chefe da família, as mulheres dedicam 28,7 horas semanais ao lar contra 11,5 horas do cônjuge. Mesmo quando elas comandam a família, o trabalho continua maior, são 25,3 horas semanais delas contra 10,1 horas deles.

IDADE E GÊNERO DOS FILHOS

Tabela 8: Porcentagem do gênero dos filhos dos participantes e média de idade.

GÊNERO DOS FILHOS	Porcentagem	Média de Idade dos filhos (Anos)
Feminino	50,3%	10,2
Masculino	49,7%	8,6
Total	100,0%	9,4

Fonte: Pesquisa de campo, 2018

A média de idade dos filhos dos entrevistados é de 9,4 anos, sendo 10,2 anos para as mulheres e 8,6 anos para os homens. No geral, 50,3% dos entrevistados tem filhos do sexo feminino e 49,7% do sexo masculino.

Neste item as informações sobre a idade dos filhos e sua relação com homens e mulheres sugere equidade na distribuição média da idade nos dois grupos.

3.3. CONJUGALIDADE E GÊNERO

Nesta categoria são apresentados os dados e discutidas as informações referentes a: Gênero X Tempo de casamento; Gênero X Satisfação com o casamento; Satisfação com a participação nas atividades domésticas.

GÊNERO *versus* TEMPO DE CASAMENTO

Tabela 9: Tempo de casamento dos participantes segundo o gênero.

TEMPO (ANOS)	Feminino		Masculino		Total	
	Fr.	%	Fr.	%	Fr.	%
Até 3	10	13,2%	5	8,6%	15	11,2%
De 4 a 8	12	15,8%	14	24,1%	26	19,4%
De 9 a 12	8	10,5%	8	13,8%	16	11,9%
De 13 a 16	17	22,4%	13	22,4%	30	22,4%
De 17 a 20	9	11,8%	6	10,3%	15	11,2%
Mais de 20	20	26,3%	12	20,7%	32	23,9%
Total	76	100,0%	58	100,0%	134	100,0%

Nota: 01 não respondeu do sexo masculino.

Fonte: Pesquisa de campo, 2018

Dos 134 entrevistados, 23,9% possuem tempo de casamento acima de 20 anos e sua minoria 11,2% possuem até 3 anos de casados e no mesmo percentual de 17 a 20 anos. Das entrevistadas, 26,3% das mulheres possuem acima de 20 anos, já os homens que possuem de 4 a 8 anos de casamento respondem por 24,1%.

Neste item as informações sobre a Tempo de Casamento e sua relação com homens e mulheres os resultados demonstram que as mulheres suportam mais tempo no casamento do que os homens nos dois grupos.

GÊNERO *versus* SATISFAÇÃO COM O CASAMENTO

Tabela 10: Nível de satisfação dos participantes em relação ao casamento.

SATISFAÇÃO	Feminino		Masculino		Total	
	Fr.	%	Fr.	%	Fr.	%
Insatisfatório	5	6,6%	0	0,0%	5	3,7%
Pouco satisfatório	17	22,4%	5	8,5%	22	16,3%
Satisfatório	25	32,9%	17	28,8%	42	31,1%
Muito satisfatório	29	38,2%	37	62,7%	66	48,9%
Total	76	100,0%	59	100,0%	135	100,0%

Fonte: Pesquisa de campo, 2018

De um total de 135 entrevistados, 66 (8,9%) estão muito satisfeitos com o casamento e 5 (3,7%) estão insatisfeitos. No comparativo entre os homens e as mulheres, o masculino apresentou maior satisfação com 37 (62,7%) estando muito satisfeitos, enquanto que, as mulheres 29 (38,2%) delas estão muito satisfeitas. Por outro lado, nenhum homem apresentou nível de insatisfação no casamento, e já as mulheres, totalizando 5 (6,6%) apresentaram insatisfação com o casamento.

O nível de satisfação com o casamento pode ser melhor compreendido a partir da percepção das diferenças entre os cônjuges no casamento. Scott (1995) corrobora, quando explica que, ao olhar para essas relações, é mais importante perceber quais são as formas como se constroem significados culturais para essas diferenças, dando sentido as mesmas e, conseqüentemente, observando as posições hierárquicas que elas ocupam dentro da relação. Isto porque, ao estabelecer relações entre homens e mulheres é inevitável comparações habituais, que estão associadas a expectativas e padrões normativos, prescritos socialmente e, que regulam as relações dos indivíduos dentro de um sistema social. Assim, as mulheres, ao apresentar níveis de insatisfação maior com os parceiros sinalizam oportunidades para serem ouvidas e conhecidas essas dificuldades, ou ainda, abrem espaço para investigar quais as percepções das diferenças que mais as incomodam. É possível que os papéis sociais estejam rígidos, ou ainda, a parceria desse sistema social esteja entrando em colapso. Acredita-se que intervenções que elucidam e colaboram para diminuir possíveis sofrimentos, nestes

relacionamentos, podem configurar caminhos interessantes para lidar com as tensões cotidianas que os sentidos e significados culturalmente construídos impõem.

GÊNERO *versus* SATISFAÇÃO DA ATIVIDADE DOMÉSTICA

Tabela 11: Satisfação com a forma que esposa e marido participam das atividades domésticas.

SATISFAÇÃO	Feminino		Masculino		Total	
	Fr	%	Fr	%	Fr	%
Não satisfeita	11	14,7%	2	3,4%	13	9,7%
Pouco satisfeita	16	21,3%	10	16,9%	26	19,4%
Satisfeita	27	36,0%	35	59,3%	62	46,3%
Muito satisfeita	21	28,0%	12	20,3%	33	24,6%
Total Geral	75	100,0%	59	100,0%	134	100,0%

Nota: 01 não respondeu

Fonte: Pesquisa de campo, 2018

Dos 134 respondentes, 46,3% ambos esposa e marido estão satisfeitos com a forma que participam das atividades domésticas. Os maridos estão mais satisfeitos com 59,3% do que as mulheres que representam e sua maioria 36,0%.

Pode compreender essa informação a partir da lógica de distribuição dos papéis sociais de gênero que envolve um conjunto de comportamentos associados com masculinidade e feminilidade, em um grupo ou sistema social. Grossi (1989) explica também, que existe um conjunto de padrões e expectativas de comportamentos que são aprendidos em uma sociedade, que corresponde aos diferentes gêneros e que conformam as identidades dos indivíduos que pertencem a estes grupos. Porém, Scott (1995) assegura que é possível mudar esses padrões, na medida em que o comportamento dos indivíduos na sociedade é influenciado pela cultura (regras e valores coletivos) e pela disposição interna de cada sujeito. Para que isso ocorra, é fundamental identificar os diferentes comportamentos de gênero como uma ferramenta de análise, para a compreender o lugar ocupado por essas mulheres, para que a partir daí seja possível fazer mudanças e/ ou questionamentos, que colaboram com a desconstrução e desnaturalização das atividades de cada gênero.

3.4. RENDA FAMILIAR E DEPENDÊNCIA FINANCEIRA

Nesta categoria são apresentados os dados e discutidas as informações referentes a: Renda Familiar x Gênero e Escolaridade; Nível de Dependência Econômica; Nível de Dependência Econômica em caso de Separação.

RENDA FAMILIAR *versus* GÊNERO E ESCOLARIDADE

Do total de 126 respondentes, 45 participantes (33,3%) possuem renda familiar entre 1/2 a 2 salários mínimos; 12 (9,5%) entre 2 e 3 salários mínimos; 16 (11,9%) entre 3 e 8 salários mínimos; 30 (23,8%) entre 8 e 12 salários mínimos; 15 (11,9%) entre 12 e 20 salários mínimos e 8 (6,3%) entre 20 e 30 salários mínimos. Avaliando o sexo feminino, o maior percentual corresponde a 34 (25,2%) mulheres com renda familiar na faixa entre 1/2 e 2 salários mínimos. Já na análise do sexo masculino o maior percentual corresponde a 16 (29,1%) homens com renda entre 8 a 12 salários mínimos.

Tabela 12: Renda familiar e Escolaridade segundo o gênero.

RENDA (Salário mínimo)	Feminino		Masculino		Total	
	Fr.	%	Fr.	%	Fr.	%
1/2-2 salários	34	25,2%	11	8,2%	45	33,3%
Ens. Fund. Inc.	2	1,5%	0	0,0%	2	1,5%
Ens. Fund. Comp.	13	9,6%	5	3,7%	18	13,3%
Ens. Med. Inc.	0	0,0%	2	1,5%	2	1,5%
Ens. Med. Comp.	18	13,3%	4	3,0%	22	16,3%
Ens. Sup. Comp.	1	0,7%	0	0,0%	1	0,7%
2-3 salários	8	11,3%	4	7,3%	12	9,5%
Ens. Fund. Comp.	3	4,2%	0	0,0%	3	2,4%
Ens. Med. Inc.	0	0,0%	1	1,8%	1	0,8%
Ens. Med. Comp.	4	5,6%	3	5,5%	7	5,6%
Ens. Sup. Comp.	1	1,4%	0	0,0%	1	0,8%
3-8 salários	4	3,0%	12	12,7%	16	11,9%
Ens. Med. Comp.	0	0,0%	2	1,5%	2	1,5%
Ens. Sup. Inc.	0	0,0%	1	0,7%	1	0,7%
Ens. Sup. Comp.	1	0,7%	4	3,0%	5	3,7%

Especialista	1	0,7%	2	1,5%	3	2,2%
Mestre	1	0,7%	2	1,5%	3	2,2%
Doutor(a)	1	0,7%	1	0,7%	2	1,5%
8-12 salários	14	19,7%	16	29,1%	30	23,8%
Ens. Med. Tec.	2	2,8%	0	0,0%	2	1,6%
Ens. Sup. Comp.	5	7,0%	6	10,9%	11	8,7%
Especialista	1	1,4%	0	0,0%	1	0,8%
Mestre	4	5,6%	2	3,6%	6	4,8%
Doutor(a)	2	2,8%	8	14,5%	10	7,9%
12-20 salários	6	8,5%	9	16,4%	15	11,9%
Ens. Sup. Comp.	3	4,2%	1	1,8%	4	3,2%
Especialista	0	0,0%	1	1,8%	1	0,8%
Mestre	1	1,4%	0	0,0%	1	0,8%
Doutor(a)	2	2,8%	7	12,7%	9	7,1%
20-30 salários	5	7,0%	3	5,5%	8	6,3%
Ens. Sup. Comp.	0	0,0%	2	3,6%	2	1,6%
Mestre	1	1,4%	0	0,0%	1	0,8%
Doutor(a)	3	4,2%	1	1,8%	4	3,2%
Pós-Doutor	1	1,4%	0	0,0%	1	0,8%
Total Geral	71	100,0%	55	100,0%	126	100,0%

Nota: Nove 09 não responderam.

Fonte: Pesquisa de campo, 2018

As diferenças consubstanciadas nesta pesquisa, revela que as mulheres somam um quantitativo menor que os homens, ocupando as mesmas funções. A medida que a tabela aumenta o valor do salário, diminui a frequência de mulheres que ganham tais valores. A compreensão desse resultado pode ser analisada em função de o trabalho das mulheres, historicamente, ter sido tratado como sendo de menor valor social, quando comparado ao trabalho dos homens. Kergoat (2009) explica que essa lógica recria a subordinação feminina já existente em outros espaços sociais e contribui para a continuidade da discriminação e desvalorização das mulheres.

Além disso, o censo do IBGE (2018) reafirma essa informação ao evidenciar a persistência da desigualdade de gênero entre homens e mulheres no Brasil, a partir de um sistema de indicadores internacionais, sinalizando que esta realidade se estruturou em torno de desvantagens historicamente acumuladas e que ainda estamos distantes de construir caminhos viáveis para diminuição das diferenças.

Oportuno lembrar ainda, as relações de poder que existem entre homens e mulheres e que, permanecem arraigadas na reprodução da ordem social. Cada vez

mais as mulheres estão sendo questionadas quanto ao desempenho do seu papel social reprodutivo (aborto, uso de contraceptivos, etc.) ao mesmo tempo em que se supõe uma “valorização” da mesma, no entanto, a medida social que indica o valor do trabalho, que é a remuneração, não corresponde à realidade.

NÍVEL DE DEPENDÊNCIA ECONÔMICA

Tabela 13: Nível de dependência econômica em relação ao cônjuge

DEPENDÊNCIA ECONÔMICA	Feminino		Masculino		Total	
	Fr	%	Fr	%	Fr	%
Nenhuma	36	47,4%	32	54,2%	68	50,4%
Muito pouca	30	39,5%	16	27,1%	46	34,1%
Bastante	6	7,9%	8	13,6%	14	10,4%
Completa	4	5,3%	3	5,1%	7	5,2%
Total	76	100,0%	59	100,0%	135	100,0%

Fonte: Pesquisa de campo, 2018

De um total de 135 respondentes, 34,1% possuem muito pouca dependência econômica em relação ao seu cônjuge. Quanto ao sexo, 27,1% do sexo masculino possuem muito pouca dependência e 54,2% não possui nenhuma. As mulheres possuem muito pouca dependência com 39,5% e 47,4% nenhuma.

Foi realizado o teste *t* para amostras independentes, com o objetivo de verificar se existe diferença entre o gênero com relação a dependência econômica. Podemos concluir que não existe diferença entre o sexo, ou seja o nível de dependência entre os homens e as mulheres é iguais. Os valores de probabilidade de 0,917 ou 91,7% acusaram níveis superior quando considerado margem de erro máximo de 0,05 ou 5% de significância.

Os dados encontrados descrevem aspectos importantes na discussão de gênero e autonomia feminina. Os significados construídos, ao longo da história, sobre a base da percepção da diferença sexual entre homens e mulheres, destinam a estas possibilidades de mudanças nessa lógica. Durante muito tempo as mulheres foram criadas para ocupar o espaço doméstico, sendo provida de todas as formas pelo marido. No entanto, o *lôcus* de subordinação feminina passou a ser questionado, as

mulheres passaram a assumir e expressar suas inquietações, impulsionadas pelo movimento feminista. Após algumas conquistas (direito a voto, contraceptivos, divórcio, etc.) as mulheres abraçaram oportunidades de trabalho diferentes daquelas culturalmente destinadas. Passaram a constituir força produtiva e iniciaram um cenário de autonomia financeira e social, lutando, em cada tempo, por uma sociedade mais igual, única variável mediadora e possível para um mundo mais justo.

NÍVEL DE DEPENDÊNCIA ECONÔMICA EM CASO DE SEPARAÇÃO

Tabela 14: Nível de dependência econômica em relação ao cônjuge em caso de separação.

DEPENDÊNCIA ECONÔMICA	Feminino		Masculino		Total	
	Fr.	%	Fr.	%	Fr.	%
Nenhuma	41	53,9%	44	74,6%	85	63,0%
Muito Pouca	27	35,5%	8	13,6%	35	25,9%
Bastante	6	7,9%	6	10,2%	12	8,9%
Completa	2	2,6%	1	1,7%	3	2,2%
Total	76	100,0%	59	100,0%	135	100,0%

Fonte: Pesquisa de campo, 2018

De um total de 135 respondentes, 63,0% não possuem nenhuma dependência econômica em caso de separação. Em ambos os sexos a proporcionalidade apontou em sua maioria não possuírem dependência econômica, onde as mulheres em sua correspondência foram a 53,9% e os homens com 74,6%.

As informações apresentadas demonstram que apesar de as mulheres apresentarem níveis de escolaridade mais elevado, ocuparem mais cargos no mercado de trabalho, e evidenciarem certo grau de independência financeira, os ganhos desproporcionais entre homens e mulheres não permite que as mesmas consigam manter o mesmo padrão de vida que desfrutam no casamento. Esses aspectos sugerem que talvez o fator dependência econômica seja uma variável importante na manutenção dos casamentos, em função de perdas financeiras significativas. Os homens conseguem ter maior autonomia financeira que as mulheres em caso de separação.

PARTE 2 – ANÁLISE FATORIAL

Os resultados apresentados a seguir compreendem a análise fatorial dos grupos A, B, e C de respostas aos 17 itens e suas relações. Primeiramente iremos apresentar o coeficiente de Alpha de Cronbach's que foi utilizado para verificar a adequabilidade da escala.

Tabela 15: Resultado da análise de consistência interna (*reliability*) das atividades

QUESTÕES	Valores de Alpha	Alpha Estandarizado
A	0,935	0,941
B	0,857	0,862
C	0,913	0,918

Fonte: Pesquisa de campo, 2018

Todos os coeficientes de consistência interna apresentam valores acima de 0,8 indicando que quanto mais próximo de 1,0, maior será a exatidão refletida pelo item (variável) perguntado ou afirmado ao participante.

A tabela 15, demonstra o resultado da análise fatorial para as três questões analisadas. Para entendimento dos resultados segue algumas explicações importantes:

Comunalidades: A formação dos fatores depende da quantidade de variância (explicação) que estes conseguem extrair do modelo (conjunto de variáveis). Por sua vez, as variáveis mantêm correlações (positiva ou negativa) de diversas magnitudes entre si. A variância comum (comunalidade) entre elas depende dessa correlação, porque o coeficiente de correlação, que explica, nesse caso, a quantidade da variância que as variáveis possuem em comum. Portanto, a quantidade de fatores que foram formados, indicou níveis de concordância e discordância das atividades domésticas.

Fatores. Cada questão resultou em 3 ou 4 fatores, onde as atividades foram agrupadas para identificar em qual fator pertenceria.

O modelo de análise da **questão A** fica assim distribuído: fator 1 (intermediário), podemos chamar de tarefas intermediárias que são consideradas femininas, nas quais há uma grande proximidade com as tarefas consideradas

masculinas; o fator 2 (feminino), podemos chamar de fator de discordância onde as atividades domésticas não é aceita a participação masculina (considerada feminina); fator 3 (masculino), podemos chamar de fator de concordância, as atividades domésticas onde se aceita a participação masculina.

O modelo de análise da **questão B** fica assim distribuído: o fator 1 (feminino), podemos chamar de fator de pouca participação onde as atividades domésticas não é aceita a participação masculina (considerada feminina); fator 2 (masculino), podemos chamar de fator de participação, onde as atividades domésticas se aceita a participação masculina; o fator 3 (Subatividade feminina), podemos chamar de fator de muito pouca participação onde as atividades domésticas não é aceita a participação masculina (considerada feminina); o fator 4 (intermediário), podemos chamar de tarefas intermediárias que são consideradas femininas, nas quais há uma grande proximidade com as tarefas consideradas masculinas.

O modelo de análise **questão C** fica assim distribuído: o fator 1 (masculino), podemos chamar de fator de participação, onde as atividades domésticas se aceita a participação masculina; o fator 2 (feminino), podemos chamar de fator de participação onde as atividades domésticas não é aceita a participação masculina (considerada feminina); o fator 3 (intermediário), podemos chamar de tarefas intermediárias que são consideradas femininas, nas quais há uma grande proximidade com as tarefas consideradas masculinas.

% da Var. Cumulada. Indica a porcentagem ou poder de explicação do modelo pela variância que é explicada nos fatores obtidos. A existência para a construção de três fatores é para se ter a ideia da representatividade do modelo de análise fatorial, o que no caso da questão A, por exemplo, temos a soma dos três fatores com 65,97%, o que significa que a porcentagem acumulada que apresentar valor igual ou superior a 65% determina o número de fatores extraídos. Neste caso, observamos que se atinge os 65% de variância explicada quando se extrai 3 fatores (atingimos 65,97%).

Carga (peso) dos fatores e (Atividades por ordem de importância). Os valores dispostos em cada atividade doméstica, representa as cargas fatoriais, isto é, a correlação de cada variável com cada fator, como sendo as variáveis que apresentam o maior peso ou importância.

Tabela 16: Resultado da análise fatorial para as três questões (A, B e C).

QUESTÃO	Comunalidade	Fator	% da Variância Cumulada	Atividades por ordem de importância
A	0,66	1	52,08	8. Levar a criança à escola (0,79); 12. Levar a criança para passear (0,78); 4. Ajudar nas tarefas escolares (0,78); 14. Fazer supermercado e feira (0,65); 1. Limpar e arrumar a casa (0,65); 13. Consertos domésticos (0,61); 2. Pôr a criança para dormir (0,53); 17. Levar criança ao médico (0,49).
		2	59,87	7. Preparar alimentos para as crianças (0,86); 5. Cozinhar (0,72); 9. Lavar roupa (0,72); 3. Passar roupa (0,69); 6. Forrar a cama (0,63); 11. Lavar pratos (0,57); 10. Higiene dos filhos (0,57).
		3	65,96	16. Controle de dinheiro (0,81); 15. Programar diversão (0,68).
B	0,59	1	31,79	6. Forrar a cama (0,73); 1. Limpar e arrumar a casa (0,72); 5. Cozinhar (0,71); 11. Lavar pratos (0,69); 7. Preparar alimentos para as crianças (0,66); 9. Lavar roupa (0,65); 3. Passar roupa (0,53).
		2	44,81	14. Fazer supermercado e feira (0,75); 16. Controle de dinheiro (0,74); 15. Programar diversão (0,73); 13. Consertos domésticos (0,65); 12. Levar a criança para passear (0,53); 17. Levar criança ao médico (0,47).
		3	52,73	10. Higiene dos filhos (0,81); 2. Pôr a criança para dormir (0,69).
		4	59,34	8. Levar a criança à escola (0,76); 4. Ajudar nas tarefas escolares (0,71).
C	0,60	1	43,74	15. Programar diversão (0,78); 8. Levar a criança à escola (0,68); 4. Ajudar nas tarefas escolares (0,68); 16. Controle de dinheiro (0,65); 12. Levar a criança para passear (0,59); 17. Levar criança ao médico (0,58); 14. Fazer supermercado e feira (0,56); 6. Forrar a cama (0,48); 13. Consertos domésticos (0,47).
		2	53,93	5. Cozinhar (0,84); 9. Lavar roupa (0,73); 1. Limpar e arrumar a casa (0,69); 3. Passar roupa (0,67); 11. Lavar pratos (0,62).
		3	60,31	10. Higiene dos filhos (0,76); 2. Pôr a criança para dormir (0,75) e 7. Preparar alimentos para as crianças (0,62).

Fonte: Pesquisa de campo, 2018

Os resultados gerais dos 3 grupos revelaram:

Questão A: Dentre as três questões, as atividades da questão A apresentaram maior nível de comunalidades ou tendência de concordância entre os participantes. Ou seja, ao ser questionado “*em que medida você concorda ou discorda com a participação dos homens nas atividades domésticas*”, tanto mulheres quanto homens concordam e também discordam, sobre a participação masculina nas atividades domésticas cotidianas. Analisando os itens de atividades percebe-se que para o fator 1 (intermediário), composto por atividades como: levar a criança à escola (0,79); levar a criança para passear (0,78); ajudar nas tarefas escolares (0,78); fazer supermercado e feira (0,65); limpar e arrumar a casa (0,65); consertos domésticos (0,61); por a criança para dormir (0,53) e levar criança ao médico (0,49), tanto mulheres como homens concordam que estas atividades podem ser realizadas por ambos. Para o fator 2 (feminino), composto por atividades de preparar alimentos para as crianças (0,86); cozinhar (0,72); lavar roupa (0,72); passar roupa (0,69); forrar a cama (0,63); lavar pratos (0,57) e higiene dos filhos (0,57), mulheres e homens concordam que deve haver maior participação masculina nestas atividades. Para o fator 3 (masculino) composto pelas seguintes atividades: controle de dinheiro (0,81) e programar diversão (0,68), mulheres e homens concordam com a participação dos homens na execução destas atividades.

Questão B: Dentre as três questões, as atividades da questão B apresentaram menor nível de comunalidades ou tendência de concordância entre os participantes. Ou seja, ao ser perguntado “*em geral, qual o nível de participação de seu marido nas seguintes atividades domésticas*”, mulheres e homens tendem a concordar menos sobre a participação deles nas atividades domésticas. Analisando os itens das atividades observa-se que para o fator 1 (feminino) composto por atividades de forrar a cama (0,73); limpar e arrumar a casa (0,72); cozinhar (0,71); lavar pratos (0,69); preparar alimentos para as crianças (0,66); lavar roupa (0,65) e passar roupa (0,53), mulheres revelam que os homens não participam ou participam muito pouco, e homens tendem a explicar que participam em alguma medida dessas atividades. Para o fator 2 (masculino) composto por atividades como: fazer supermercado e feira (0,75); controle de dinheiro (0,74); programar diversão (0,73); consertos domésticos (0,65); levar a criança para passear (0,53) e levar criança ao médico (0,47), mulheres e homens tendem a concordar com a participação deles

nestas atividades. Para o fator 3 (subatividade feminina), composto pelos itens higiene dos filhos (0,81) e pôr a criança para dormir (0,69), há um aumento na concordância entre mulheres e homens sobre a participação deles nestas atividades. Já o fator 4 (intermediário) que apresenta os itens levar a criança à escola (0,76) e ajudar nas tarefas escolares (0,71), foram as atividades em que mulheres e homens mais concordam com a participação deles no desempenho dessas ações.

Questão C: Dentre as três questões, as atividades da questão C apresentaram nível intermediário de comunalidades ou tendência de concordância entre os participantes. Ou seja, ao ser perguntado “*em situações de emergência (viagem, doença, etc.), qual o nível de participação de seu marido nas seguintes atividades domésticas*”, mulheres e homens tende a concordar de maneira intermediária com a participação dos homens nas atividades domésticas. Sendo assim, o fator 1 (masculino) composto por atividades de programar diversão (0,78); levar a criança à escola (0,68); ajudar nas tarefas escolares (0,68); controle de dinheiro (0,65); levar a criança para passear (0,59); levar criança ao médico (0,58); fazer supermercado e feira (0,56); forrar a cama (0,48) e consertos domésticos (0,47), aparecem como ações nas quais a participação masculina é aceita tanto por mulheres quanto pelos homens. Já o fator 2 (feminino), composto pelos itens cozinhar (0,84); lavar roupa (0,73); limpar e arrumar a casa (0,69); passar roupa (0,67) e lavar pratos (0,62), surgem como itens de concordância intermediária, entre homens e mulheres, sobre a não participação masculina nestas atividades. Contudo, para o fator 3 (intermediário) composto pelos itens higiene dos filhos (0,76); pôr a criança para dormir (0,75) e preparar alimentos para as crianças (0,62), aparecem como atividades de maior concordância entre mulheres e homens sobre a participação de ambos nas ações domésticas.

O conjunto de padrões e expectativas de comportamentos que são aprendidos em uma sociedade, faz com que homens e mulheres façam associações sobre o que a mulher e o homem devem fazer dentro de casa. Certamente, a herança cultural da sociedade brasileira, machista e patriarcal, na qual ao homem são destinados o espaço público e a mulher o espaço doméstico, também corrobora com a construção desse significado, tornando mulheres e homens, muitas vezes, reféns de seus papéis sociais.

Ao olharmos o conjunto de atividades do grupo A e o nível de concordância entre elas, há de se considerar que tanto mulheres quanto homens demonstram

interesse em maior participação destes nas atividades domésticas. No entanto, ao mesmo tempo em que ambos desejam isso, também fazem referências a tipos de atividades que são próprias para um e para o outro como foi possível perceber nos comentários espontâneos feitos pelos participantes (homens e mulheres) durante a aplicação dos protocolos:

[...] é melhor que o homem o dinheiro, porque mulher não pode ver roupa em vitrine que já se descontrola, e quer comprar. [...] higiene dos filhos é papel da mulher, da mãe; eu acho que homem não deve fazer essas coisas, a não ser que a criança seja menino. [...] levar a criança ao médico? A mãe/mulher é que tem que levar.[...] quem coloca a criança para dormir é ela (esposa), porque eu chego tarde do trabalho e quem tem que fazer isso é a mãe.

Percebe-se no discurso uma construção social do significado situado em circunstâncias sóciohistóricas particulares, mediado por práticas discursivas nas quais seus participantes estão posicionados, como diria Foucault, em relações de poder e são incorporados como modelos a serem seguidos. Estes posicionamentos são estabelecidos numa concepção naturalizada e essencialista do que é masculino e feminino e intrínsecas a homens e mulheres.

Dito de outra forma, isso significa que apesar de haver certo um discurso impulsionado pelos valores e conquista feministas, há uma orientação para fixar atividades a partir do gênero, lembrando que as próprias mulheres também fazem essa diferença. Essa compreensão permite que a subordinação feminina permaneça assegurada, e o trabalho doméstico continue como cenário estratégico para as desigualdades de gênero.

Para a análise das informações em cada grupo (A, B e C), foram selecionadas três categorias, que emergiram a partir das respostas aos itens do instrumento, são elas:

- a) *Afazeres domésticos: composto por atividades estritamente indicativas de relação entre os objetos e/ou locais.*
- b) *Cuidado com os filhos: todas as atividades que envolve o cuidado com a prole.*
- c) *Economia doméstica: envolve as atividades que possuem relação com os aspectos financeiros do casal.*

QUESTÃO A: “Em que medida você concorda ou discorda com a participação dos homens nas atividades domésticas”

Visando avaliar a diferença entre os homens e as mulheres nos quatro grupos, foi realizada uma série de análises de variância, tendo o grupo (1 - Professor; 2 - Aux. Administrativo; 3 - Tec. Adm. em Educação; 4 - Aux. de Limpeza) e Sexo (Masculino e Feminino) como variáveis independentes e o julgamento em relação a cada atividade e cada fator como variável dependente.

Na tabela abaixo aonde aparecem os asteriscos (*), significa que existe diferença estatisticamente significante entre as médias dos grupos e do sexo.

Tabela 17: Médias e valores F da Análise de Variância dos julgamentos de concordância com a participação dos homens nas atividades domésticas em função dos Grupos e Sexo.

FATOR	ATIVIDADES	Grupo				Sexo		Valores F da Análise de Variância		
		1	2	3	4	Mas	Fem	Grupo	Sexo	G X S
		ME	ME	ME	ME	ME	ME			
1	1. Limpar e arrumar a casa	3,71	3,55	3,30	3,45	3,54	3,50	3,76**	0,19	0,27
1	2. Por a criança para dormir	3,80	3,40	3,13	3,33	3,54	3,38	7,4**	1,83	0,48
2	3. Passar a roupa	3,24	3,30	3,07	2,83	3,15	3,04	2,26	0,59	1,17
1	4. Ajudar nas tarefas escolares	3,80	3,65	3,43	3,40	3,71	3,47	5,30**	6,76**	0,02
2	5. Cozinhar	3,51	3,50	3,33	3,30	3,42	3,39	1,13	0,07	1,16
2	6. Forrar a cama	3,56	3,40	3,30	3,13	3,41	3,30	2,73*	0,70	0,30
2	7. Preparar alimentos para as crianças	3,42	3,35	3,03	3,20	3,27	3,25	1,67	0,02	2,00
1	8. Levar a criança a escolar	3,87	3,55	3,43	3,43	3,64	3,55	8,48**	1,14	0,72
2	9. Lavar a roupa	3,31	3,35	3,13	2,98	3,27	3,11	1,63	1,43	0,73
2	10. Higiene dos filhos	3,49	3,30	2,97	2,88	3,34	3,03	4,25**	4,10*	2,73*
2	11. Lavar pratos	3,64	3,50	3,43	3,28	3,46	3,47	3,16*	0,03	0,22
1	12. Levar a criança para passear	3,82	3,55	3,43	3,33	3,61	3,50	8,48**	1,53	0,35
1	13. Consertos domésticos	3,82	3,50	3,67	3,35	3,68	3,54	6,24**	2,13	1,61
1	14. Fazer supermercado e feira	3,76	3,40	3,47	3,28	3,58	3,43	5,33**	1,89	0,89

3	15. Programar diversão	3,60	3,45	3,50	3,30	3,58	3,38	2,15	4,15*	0,64
3	16. Controle de dinheiro	3,40	3,25	3,00	2,90	3,49	2,87	2,74*	18,75**	0,26
1	17. Levar criança ao médico	3,67	3,50	3,40	3,15	3,51	3,37	5,83**	1,79	0,48

Nota: ME: Média; Grupo: 1 - Professor; 2 - Aux. Administrativo; 3 - Tec. Adm. em Educação; 4 - Aux. De Limpeza.

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

* . Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

Fonte: Pesquisa de campo, 2018

Tabela 18: Médias e valores F da Análise de Variância dos julgamentos de concordância com a participação dos homens nas atividades domésticas em função dos Grupos e Sexo.

FATOR	Grupo				Sexo		Valores F da Análise de Variância		
	1	2	3	4	Mas	Fem	Grupo	Sexo	G X S
	ME	ME	ME	ME	ME	ME			
Fator 1: atividades intermediarias	3,78	3,51	3,41	3,34	3,60	3,47	7,93**	0,16	0,16
Fator 2: atividades socialmente aceitas pelas mulheres	3,45	3,39	3,18	3,08	3,33	3,23	0,91	0,66	1,27
Fator 3: atividades socialmente aceitas pelos homens	3,50	3,35	3,25	3,10	3,53	3,13	1,56	8,23**	0,55

Fonte: Pesquisa de campo, 2018

Na comparação entre os 4 grupos, podemos dizer que dentre as 17 atividades domésticas, existem diferença em 12 delas ao nível de significância de 5%, quando avaliadas a questão A.

Observa-se um efeito principal ou diferença em 08 variáveis no grupo para as atividades agrupadas no fator 1 sendo: “limpar e arrumar a casa”; “pôr a criança para dormir”, “ajudar nas tarefas escolares”, “levar a criança à escola”, “levar a criança para passear”, “consertos domésticos”, “fazer supermercado e feira” e “levar criança ao médico”. Observa-se também diferença no grupo em 03 atividades agrupadas no fator 2 sendo, “fornar a cama”, “higiene dos filhos” e “lavar pratos”. E a atividade “controle de dinheiro”, também apresentou diferença entre o grupo onde esta ficou agrupada no fator 3.

Na comparação entre as atividades para variável sexo, observa-se também um efeito principal ou diferença em 4 atividades domésticas “ajudar nas tarefas escolares”, “higiene dos filhos”, “programar diversão” e “controle de dinheiro”. As quatro atividades pertencem a diferentes fatores, onde a atividade “ajudar nas tarefas escolares”, pertence ao fator 1 (atividades intermediárias), e mais precisamente, a atividade “higiene dos filhos”, pertence ao fator 2 (atividades socialmente aceitas para mulheres) e, as atividades “programar diversão” e “controle de dinheiro”, pertencem ao fator 3 (atividades socialmente aceitas para homens). As mulheres sempre concordam com uma menor participação dos homens nessas 4 atividades domésticas, onde suas médias são menores que a dos homens.

Observa-se um efeito principal ou diferença em 01 variável quando analisamos o cruzamento entre o grupo e sexo. Essa diferença está na atividade “higiene dos filhos”.

As análises acima apresentadas nos mostram que existem diferenças em termos de Grupo, bem como de Sexo, e que essas diferenças se encontram também em função da variável Fator. Para verificar estatisticamente as diferenças entre os fatores com as variáveis independentes Grupo (1 - Professor; 2 - Aux. Administrativo; 3 - Tec. Adm. em Educação; 4 - Aux. de Limpeza) e Sexo (Feminino e Masculino), os dados foram submetidos também a uma análise de variância. Os resultados demonstraram um efeito principal ou diferença entre os grupos no Fator 1 (atividades intermediárias) e diferença entre o Sexo no Fator 3 (atividades socialmente aceitas para homens).

Dada a existência de diferença entre as médias das atividades domésticas do Grupo, Sexo e Grupo versus Sexo, foi utilizada comparações a posteriori (Teste Tukey) para identificar onde foram essas diferenças. Ao detectar há diferença na atividade “limpar e arrumar a casa” ao nível de significância de 1% no Grupo, podemos dizer que a diferença na participação dos homens foi no grupo 1 (Professor) e grupo 3 (Técnico Administrativo em Educação), ao nível de significância estatística de 5%. A tabela demonstra as médias dos grupos, e podemos observar que a média de participação dos professores (3,71) é maior de todos os grupos, indicando que este grupo concorda com a participação dos homens na atividade doméstica “limpar e arrumar a casa”. Por outro lado, o grupo 3 dos Técnico Administrativo em Educação apresentaram a menor média (3,30) na comparação entre os grupos, indicante que

estes tendem a discordar da participação dos homens na atividade doméstica “limpar e arrumar a casa”.

Na atividade “pôr a criança para dormir” a diferença foi entre os grupos 1 (Professor), 3 (Técnico Administrativo em Educação) e 4 (Aux. de Limpeza). Na atividade “ajudar nas tarefas escolares” a diferença foi entre os grupos 1 (Professor), 3 (Técnico Administrativo em Educação) e 4 (Aux. de Limpeza). Na atividade “forrar a cama” a diferença foi entre os grupos 1 (Professor) e 4 (Aux. de Limpeza). Na atividade “levar a criança à escola” a diferença foi entre os grupos 1 (Professor), 3 (Técnico Administrativo em Educação) e 4 (Aux. de Limpeza). Na atividade “higiene dos filhos” a diferença foi entre os grupos 1 (Professor) e 4 (Aux. de Limpeza). Na atividade “lavar pratos” a diferença foi entre os grupos 1 (Professor) e 4 (Aux. de Limpeza). Na atividade “levar a criança para passear” a diferença foi entre os grupos 1 (Professor), 3 (Técnico Administrativo em Educação) e 4 (Aux. de Limpeza). Na atividade “consertos domésticos” a diferença foi entre os grupos 1 (Professor) e 4 (Aux. de Limpeza). Na atividade “Fazer supermercado e feira” a diferença foi entre os grupos 1 (Professor) e 4 (Aux. de Limpeza). Na atividade “controle de dinheiro” a diferença foi entre os grupos 1 (Professor) e 4 (Aux. de Limpeza). Na atividade “levar criança ao médico” a diferença foi entre os grupos 1 (Professor) e 4 (Aux. de Limpeza). Foi observado que o grupo 2 (Aux. Administrativo) não apresentou nenhuma diferença nas 17 atividades domésticas avaliadas.

Na comparação entre o **Sexo**, podemos dizer que dentre as 17 atividades domésticas, existem diferença em 04 delas ao nível de significância de 5%, quando avaliadas a questão A.

Observa-se um efeito principal ou diferença em 04 variáveis no sexo para as atividades agrupadas distribuídas no fator 1 sendo: “ajudar nas tarefas escolares”, no fator 2 “higiene dos filhos” e no fator 3 sendo, “programar diversão” e “controle de dinheiro” ao nível de significância de 1%. Essas diferenças indicam médias maiores de concordância na percepção dos homens e médias menores na percepção das mulheres (Ver tabela X). A maior diferença entre estas 04 variáveis se observa na atividade “controle de dinheiro”, onde a média dos homens foi de 3,59 é muito superior à das mulheres foi de 2,87. Isto significa dizer que, no controle do dinheiro as mulheres tendem a discordar da participação dos homens nesta atividade.

Na comparação entre o **Grupo versus Sexo**, através da análise de variância, podemos dizer que dentre as 17 atividades domésticas, existe diferença em apenas uma atividade “higiene dos filhos” ao nível de significância de 5%, quando avaliada a questão A. Esta diferença está no grupo 1 (Professor) sendo o sexo feminino apresentar maior média de concordância (3,52) em relação ao masculino (3,46); e no grupo 04 (Auxiliar de Limpeza), a média de concordância das mulheres (2,64) foi menor do que o sexo masculino (3,42). Ou seja, na avaliação da mulher existe uma tendência de discordância de que os homens participam da atividade doméstica “higiene dos filhos”.

Na comparação entre grupos (professores, auxiliar administrativo, técnico administrativo em educação, e auxiliar de limpeza) as categorias de análise ficaram assim organizadas em função das correlações mais significativas.

Tabela 19: Categorias de Análise mais significativas por Grupos

CATEGORIA	ATIVIDADES	GRUPOS
Afazeres domésticos	Limpar e arrumar a casa	G1 (professor) G3 (téc. adm. em educação)
	Forrar a cama	G1 (professor) G4 (aux. de limpeza)
	Lavar pratos	G1 (professor) G4 (aux. de limpeza)
	Consertos domésticos	G1 (professor) G4 (aux. de limpeza)
	Fazer supermercado e feira	G1 (professor) G4 (aux. de limpeza)
Cuidado com os filhos	Pôr a criança para dormir	G1 (professor) G3 (téc. adm. em educação) G4 (aux. de limpeza)
	Ajudar nas tarefas escolares	G1 (professor) G3 (téc. adm. em educação) G4 (aux. de limpeza)
	Levar a criança à escola	G1 (professor) G3 (téc. adm. em educação) G4 (aux. de limpeza)
	Levar a criança para passear	G1 (professor) G3 (téc. adm. em educação) G4 (aux. de limpeza)
	Higiene dos filhos	G1 (professor) G4 (aux. de limpeza)
Economia doméstica	Levar criança ao médico	G1 (professor) G4 (aux. de limpeza)
	Controle de dinheiro	G1 (professor) G4 (aux. de limpeza)

Fonte: Pesquisa de campo, 2018

Observa-se que a divisão das atividades domésticas, nas categorias Afazeres Domésticos, Cuidados com os Filhos e Economia Doméstica as diferenças entre grupos são melhor compreendidas em função da atividade profissional exercida em cada grupo. Ou seja, mesmo quando a mulher trabalha fora, ela divide seu tempo entre o trabalho remunerado (fora de casa) e o trabalho da unidade doméstica, ao passo que isso é raro de acontecer entre os homens. No entanto em todas as categorias elas reivindicam a participação masculina nas atividades diferenciando-se em função da atividade profissional exercida, ficando as maiores diferenças entre professores e auxiliares de limpeza.

A atividade de professor possibilita, a este grupo, reconhecer que a divisão de tarefas domésticas pode ser compartilhada por homens e mulheres de maneira mais equitativa, uma vez que há maior concordância que os homens participem dessas atividades, possivelmente pela ocupação dizer respeito a um conjunto de comportamentos tipicamente associados aos homens. O direito de estudar, cursar a faculdade, trabalhar fora e ministrar aulas, foram conquistas que possibilitaram mudanças nos padrões de comportamento previstos para homens e mulheres tradicionalmente.

Por outro lado, a função desenvolvida pelo grupo de auxiliares de limpeza, geralmente, prestadoras de serviços, que desenvolvem serviços de limpeza, arrumação e cozinha, são associados a “atividades femininas”, certamente favoreceu a este grupo a concordar menos com a participação dos homens nestas atividades. Neste sentido, embora já existam espaços de trabalho garantido para mulheres, elas, ainda se dedicam a reproduzir as condições e possibilidades para o exercício da liberdade do homem, permanecendo circunscrita ao espaço destinado socialmente a ela.

Na comparação entre sexos (homens e mulheres) as categorias de análise ficaram assim organizadas.

Tabela 20: Categorias de Análise mais significativas por Sexo

CATEGORIA	ATIVIDADES	SEXO
Cuidado com os filhos	Ajudar nas tarefas escolares	Mulheres discordam
	Higiene dos filhos	
Economia doméstica	Controle de dinheiro	
	Programar diversão	

Fonte: Pesquisa de campo, 2018

Observa-se que a divisão das atividades domésticas, nas categorias Cuidados com os Filhos e Economia Doméstica não deixam dúvidas sobre a relação paradoxal vivenciadas pelas mulheres contemporâneas. Por um lado, percebe-se que existem ideias relacionadas a autonomia e maior controle financeiro por parte delas reivindicando menor participação masculina nestas atividades. Por outro lado, a função materna, o papel de mãe-cuidadora, ainda emerge com força, empurrando as mulheres para o âmbito do lar.

A função materna ou o cuidado com a prole, ainda surge como forte apelo social para que as mulheres retornem ao âmbito doméstico. A força destes símbolos, estão enraizados em significados construídos sobre a base da percepção da diferença sexual, utilizados para a compreensão do papel de “pai” e de “mãe”, que incluem as relações com os filhos, os cuidados com o marido e a dedicação a família.

A comparação entre grupo *versus* sexo as categorias de análise ficaram assim distribuídas:

Tabela 21: Categorias de Análise mais significativas por Grupo *versus* Sexo

CATEGORIA	ATIVIDADES	GRUPO <i>versus</i> SEXO
Cuidado com os filhos	Higiene dos filhos	G1 (professor) Mulheres concordam mais com a participação masculina
		G4 (aux. de limpeza) Mulheres discordam mais da participação masculina

Fonte: Pesquisa de campo, 2018

Neste aspecto é possível tecer considerações a respeito da “função materna”, simbolicamente descrita nesta pesquisa na categoria “cuidado com os filhos”. Sabe-se que os discursos ou verdades sobre os fenômenos são vistos como um conjunto de regras históricas e anônimas prescritas para determinado grupo, com vistas ordenar e controlar as práticas sociais. A associação entre grupos de mulheres professoras que concordam que os homens participem mais da higiene dos filhos e, mulheres auxiliares de limpeza que discordam mais dessa participação, demonstra, a partir de possibilidades de acesso à educação diferenças importantes na percepção dos grupos. O pouco acesso a informação permite o engendramento de verdades, e conseqüentemente, domínios que obedece aos interesses das instâncias (órgãos, instituições etc.) e das relações de poder que o produz. O acesso a lógicas que agenciam processos de subjetivação permite que a mulher se compreenda como sujeito legítimo de determinado tipo de conhecimento, ou melhor, como o sujeito percebe a si mesmo na relação com o mundo, uma vez que é a partir do assujeitamento a estes mecanismos, que o indivíduo, pode, a partir de suas frestas de liberdade, romper com a subordinação e ordem social.

QUESTÃO B: “Em geral, qual o nível de participação de seu marido nas seguintes atividades domésticas”

Visando avaliar a diferença entre os homens e as mulheres nos quatro grupos, foi realizada uma série de análises de variância, tendo o grupo (1 - Professor; 2 - Aux. Administrativo; 3 - Tec. Adm. em Educação; 4 - Aux. de Limpeza.) e, Sexo (Masculino e Feminino) como variáveis independentes e o julgamento em relação a cada atividade e cada fator como variável dependente. Onde aparecem os asteriscos (*), significa que existe diferença estatisticamente significativa entre as médias dos grupos e do sexo.

Na comparação entre os 4 **Grupos**, podemos dizer que dentre as 17 atividades domésticas, existem diferença em 3 delas ao nível de significância de 5%, quando avaliadas a questão B. Observa-se um efeito principal ou diferença em 3 variáveis no grupo para as atividades agrupadas no fator 1 sendo, “cozinhar”, no fator 2 sendo, “levar criança ao médico” e no fator 4, sendo “levar a criança à escola”.

Tabela 22: Médias e valores F da Análise de Variância dos julgamentos de concordância com a participação dos homens nas atividades domésticas em função dos Grupos e Sexo.

Fa	ATIVIDADES	Grupo				Sexo		Valores F da Análise de Variância		
		1	2	3	4	Mas	Fem	Grupo	Sexo	G X S
		ME	ME	ME	ME	ME	ME			
1	1. Limpar e arrumar a casa	3,02	2,85	2,97	3,18	3,05	3,01	0,72	0,41	1,45
3	2. Por a criança para dormir	3,36	3,25	2,83	3,15	3,39	2,99	1,44	3,74	0,27
1	3. Passar a roupa	2,16	2,20	2,30	2,10	2,36	2,04	0,76	3,01	1,28
4	4. Ajudar nas tarefas escolares	3,36	3,50	2,93	3,18	3,54	2,99	0,53	5,80*	1,24
1	5. Cozinhar	2,69	2,65	2,67	3,38	2,80	2,95	3,82*	0,15	1,59
1	6. Forrar a cama	2,80	2,85	2,80	2,95	3,02	2,72	0,36	2,49	0,69
1	7. Preparar alimentos para as crianças	3,09	2,75	3,10	3,30	3,10	3,11	1,03	0,11	1,73
4	8. Levar a criança a escolar	3,82	3,40	3,27	3,20	3,51	3,41	4,96**	0,07	3,59*
1	9. Lavar a roupa	2,49	2,35	2,67	2,88	2,69	2,57	1,85	2,57	1,23
3	10. Higiene dos filhos	3,16	2,95	2,97	2,83	3,24	2,79	0,19	3,10	2,56
1	11. Lavar pratos	3,27	3,20	3,13	3,18	3,21	3,20	0,17	0,04	1,91
2	12. Levar a criança para passear	3,69	3,60	3,47	3,43	3,71	3,42	0,30	1,85	1,37
2	13. Consertos domésticos	3,64	3,65	3,37	3,40	3,76	3,32	0,14	6,72*	1,45
2	14. Fazer supermercado e feira	3,76	3,75	3,43	3,40	3,78	3,42	0,95	3,02	1,67
2	15. Programar diversão	3,56	3,80	3,13	3,25	3,78	3,12	1,10	9,65**	1,53
2	16. Controle de dinheiro	3,56	3,60	3,30	3,23	3,75	3,14	0,27	13,99**	0,85
2	17. Levar criança ao médico	3,64	3,25	3,13	3,05	3,59	3,07	2,72*	10,09**	0,58

Nota: ME: Média; Grupo: 1 - Professor; 2 - Aux. Administrativo; 3 - Tec. Adm. em Educação; 4 - Aux. de Limpeza.

** Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

* Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

Fonte: Pesquisa de campo, 2018

Tabela 23: Médias e valores F da Análise de Variância dos julgamentos de concordância com a participação dos homens nas atividades domésticas em função dos Grupos e Sexo.

FATORES	Grupo				Sexo		Valores F da Análise de Variância		
	1	2	3	4	Mas	Fem	Grupo	Sexo	G X S
	ME	ME	ME	ME	ME	ME			
Fator 1: atividades socialmente aceitas pelas mulheres	2,79	2,69	2,80	2,99	2,89	2,80	1,84	0,06	1,91
Fator 2: atividades socialmente aceitas pelos homens	3,64	3,61	3,31	3,29	3,73	3,25	0,43	10,89*	1,60
Fator 3: atividades socialmente aceitas pelas mulheres	3,26	3,10	2,90	2,99	3,31	2,89	1,01	1,03	1,17
Fator 4: atividades intermediarias	3,59	3,45	3,10	3,19	3,53	3,20	3,04*	2,16	4,33**

Fonte: Pesquisa de campo, 2018

Na comparação entre as atividades para variável **Sexo**, observa-se também um efeito principal ou diferença em 05 atividades domésticas: no fator 2 sendo, “consertos domésticos”, “programar diversão”, “controle de dinheiro” e “levar criança ao médico”. As mulheres, na maioria das atividades, sempre concordam com uma menor participação dos homens, porém nessas cinco atividades domésticas, a maioria de suas médias são menores que a dos homens.

Observa-se um efeito principal ou diferença em 01 variável do fator 4 quando analisamos o cruzamento entre o **grupo e sexo**. Essa diferença está na atividade “levar a criança à escola”.

As análises acima apresentadas nos mostram que existem diferenças tanto em termos de grupo como de Sexo, e que essas diferenças se encontram também em função da variável Fator. Para verificar estatisticamente as diferenças entre os fatores com as variáveis independentes Grupo (1 - Professor; 2 - Aux. Administrativo; 3 - Tec. Adm. em Educação; 4 - Aux. de Limpeza) e Sexo (Feminino e Masculino), os dados foram submetidos também a uma Análise de Variância.

Dada a existência de diferença entre as médias das atividades domésticas do Grupo, Sexo e Grupo versus Sexo, foi utilizada comparações a posteriori (Teste *Tukey*) para identificar onde foram essas diferenças. Na comparação entre o **Grupo**, a diferença na atividade “cozinhar” é estatisticamente significativa ao nível de 5%, onde a diferença na participação dos homens foi no grupo 1 (Professor) e grupo 4

(Auxiliar de limpeza). A tabela, demonstra as médias dos grupos, e podemos observar que a média de participação dos professores (2,69) é a terceira menor dentre os grupos, indicando que este grupo pouco participa da atividade doméstica “cozinhar”. Por outro lado, o grupo 4 (Auxiliar de limpeza) apresentou a maior média (3,38) na comparação entre os grupos, indicante que estes tendem a uma participação dos homens na atividade doméstica “cozinhar”.

Na atividade “levar a criança à escola” a diferença foi entre os grupos 1 (Professor) com a maior média (3,82) e grupo 4 (Auxiliar de limpeza), com a menor média (3,20). Na atividade “levar criança ao médico” a diferença foi entre os grupos 1 (Professor) com a maior média (3,64) e grupo 4 (Auxiliar de limpeza), com a menor média (3,05). Foi observado que os grupos 2 (Auxiliar Administrativo) e 3 (Técnico Administrativo em Educação) não apresentaram nenhuma diferença nas 17 atividades domésticas avaliadas.

Na comparação entre o **Sexo**, podemos dizer que dentre as 17 atividades domésticas, existem diferença em 05 delas ao nível de significância de 5%, quando avaliadas a questão B.

Observa-se um efeito principal ou diferença em 05 variáveis no sexo para as atividades agrupadas distribuídas no fator 2 sendo “consertos domésticos”, “programar diversão”, “controle de dinheiro” e “levar criança ao médico” ao nível de significância de 1% e 5%; e no fator 4, sendo “ajudar nas tarefas escolares”. Essas diferenças indicam médias maiores no nível de participação na percepção dos homens e médias menores na percepção das mulheres (Ver tabela X). A maior diferença entre estas 05 variáveis, se observa na atividade “programar diversão”, onde a média dos homens foi de 3,78, superior à das mulheres (3,12). Isto significa que a percepção dos homens em programa diversão é maior que a percepção das mulheres.

Na comparação entre o **Grupo versus Sexo**, através da análise de variância, podemos dizer que dentre as 17 atividades domésticas, existe diferença em apenas uma atividade “levar a criança à escola” ao nível de significância de 5%, quando avaliada a questão B. Esta diferença está no grupo 1 (Professor) sendo o sexo masculino apresentar maior média de participação (3,88) em relação ao feminino (3,76); e no grupo 04 (Auxiliar de Limpeza), a média de participação dos homens (2,67) foi menor do que o sexo feminino (3,43). Ou seja, na atividade “levar a criança à escola”, as avaliações do grupo dos professores no sexo masculino apresentaram

maior participação do que o feminino; e no grupo do Auxiliar de limpeza, a participação se inverte, onde os homens apresentaram menor participação.

Na comparação entre grupos (professores, aux. administrativo, técnico em educação, e aux. de limpeza) as categorias de análise ficaram assim organizadas em função das correlações mais significativas.

Tabela 24: Categorias de Análise mais significativas por Grupos

CATEGORIA	ATIVIDADES	GRUPOS
Afazeres domésticos	Cozinhar	G1 (professor) participa pouco G4 (aux. de limpeza) participa
	Levar a criança à escola	G1 (professor) participa G4 (aux. de limpeza) participa pouco
Cuidado com os filhos	Levar criança ao médico	G1 (professor) participa G4 (aux. de limpeza) participa pouco

Fonte: Pesquisa de campo, 2018

Observa-se que a divisão das atividades domésticas, nas categorias Afazeres Domésticos e Cuidados com os Filhos para o Grupo B, que investiga o nível de participação masculina nos afazeres doméstico revela que professores costumam participar pouco de atividades relacionadas a cuidados com objetos ou locais do ambiente doméstico. No entanto, quando se refere a categoria Cuidado com os filhos, há uma relação significativa, indicando maior participação deste grupo nesta atividade. Já o grupo dos auxiliares de limpeza, participa mais das atividades relacionadas aos afazeres do lar e menos do cuidado com os filhos.

Essas diferenças podem estar associadas a divisão das atividades desempenhadas por ambos os grupos, ou seja, o trabalho remunerado (fora de casa) e suas semelhanças com o trabalho na unidade doméstica. Atividades que exigem cuidados com os filhos demandam maior capacidade de negociação no ambiente do trabalho que atividades de “cuidar das coisas de casa”. Além disso, podem estar associadas a capacidade mobilidade e tempo associados ao nível de importância da atividade. Certamente, estabilidade do emprego e ganhos financeiros também corroboram para estes resultados.

Na comparação entre sexos (homens e mulheres) as categorias de análise ficaram assim organizadas.

Tabela 25: Categorias de Análise mais significativas por Sexo

CATEGORIA	ATIVIDADES	SEXO
Afazeres Domésticos	Consertos domésticos	Os homens percebem que participam mais e as mulheres percebem menos a participação deles
Cuidado com os filhos	Ajudar nas tarefas escolares	
	Levar criança ao médico	
Economia doméstica	Controle de dinheiro	
	Programar diversão	

Fonte: Pesquisa de campo, 2018

Observa-se que na divisão das atividades domésticas, nas categorias Afazeres Domésticos, Cuidados com os Filhos e Economia Doméstica a percepção distanciada entre homens e mulheres sobre a participação deles nas práticas diárias. As diferenças de percepção entre gêneros permitiram evidenciar e intuir de algum modo que a pouca participação dos homens, na percepção das mulheres, é marcada por características pouco conhecidas ou conversadas. Muito provavelmente, sistemas de pensamento, modos de funcionamento, sentidos e significados atravessam tais percepções criando uma concepção distorcida de que os homens “ajudam” as mulheres nas atividades domésticas e com isso elas “devem ser gratas”. Em momento algum, a ausência ou a pouca participação masculina é questionada como algo indesejado num relacionamento, simplesmente, porque as tarefas já estavam aí, pré-estabelecidas, conhecidas a priori para que as mulheres as desempenhassem. O sentido de igualdade de atividades numa relação, compreende que o masculino e o feminino não são entidades prontas para desempenhar seus papéis, mas sim, são relacionais, co-construções dialéticas.

Já a comparação entre grupo *versus* sexo as categorias de análise ficaram distribuídas da seguinte maneira:

Tabela 26: Categorias de Análise mais significativas por Grupo *versus* Sexo

CATEGORIA	ATIVIDADES	GRUPO <i>versus</i> SEXO
Cuidado com os filhos	Levar a criança a escola	G1 (professor) Homens participam mais que mulheres
		G4 (aux. de limpeza) Mulheres participam mais que homens

Fonte: Pesquisa de campo, 2018

Neste aspecto é possível tecer considerações a respeito das práticas sociais de “levar a criança para a escola”. Professores homens participam mais dessa atividade que professoras mulheres. Já na no grupo de auxiliares de limpeza, as mulheres exercem essa função com maior frequência que os homens. É possível considerar que a relação econômica de cada grupo tenha efeito significativo neste resultado, uma vez que, indivíduos com menor nível escolar desempenham atividades percebidas como de melhor valor e com menores ganhos. Neste sentido, o fator educação proporciona menor acesso a informações e, naturalmente, questiona menos a dimensão histórica, que evidencia que as relações de gênero. Logo, mulheres que ocupam a função de auxiliar de limpeza tendem a assumir as funções “de mulher” com mais facilidade e rigidez que mulheres que ocupam cargos menos associados a função feminina.

QUESTÃO C: “Em situações de emergência (viagem, doença, etc.), qual o nível de participação de seu marido nas seguintes atividades domésticas”

Visando avaliar a diferença entre os homens e as mulheres nos quatro grupos, foi realizada uma série de Análises de Variância, tendo o grupo (1 - Professor; 2 - Aux. Administrativo; 3 - Tec. Adm. em Educação; 4 - Aux. De Limpeza.) e, Sexo (Masculino e Feminino) como variáveis independentes e o julgamento em relação a cada atividade e cada fator como variável dependente. Onde aparecem os asteriscos (*), significa que existe diferença estatisticamente significativa entre as médias dos grupos e do sexo.

Tabela 27: Médias e valores F da Análise de Variância dos julgamentos de concordância com a participação dos homens nas atividades domésticas em função dos Grupos e Sexo.

Fa	ATIVIDADES	Grupo				Sexo		Valores F da Análise de Variância		
		1	2	3	4	Mas	Fem	Grupo	Sexo	G X S
		ME	ME	ME	ME	ME	ME			
2	1. Limpar e arrumar a casa	3,44	3,40	3,33	3,63	3,66	3,32	0,82	4,92*	0,31
3	2. Por a criança para dormir	3,82	3,80	3,03	3,60	3,75	3,45	4,61**	0,69	0,75
2	3. Passar a roupa	2,87	2,95	2,77	2,50	3,03	2,53	0,86	3,28	1,89
1	4. Ajudar nas tarefas escolares	3,71	3,85	3,33	3,50	3,80	3,42	0,93	2,46	0,24
2	5. Cozinhar	3,20	3,30	3,17	3,70	3,39	3,33	1,98	0,07	1,41
1	6. Forrar a cama	3,36	3,40	3,20	3,38	3,61	3,12	0,08	5,32*	1,45
3	7.Preparar alimentos para as crianças	3,69	3,55	3,17	3,68	3,59	3,51	1,22	0,05	3,72*
1	8. Levar a criança a escolar	3,87	3,95	3,43	3,63	3,85	3,61	1,83	1,25	1,39
2	9. Lavar a roupa	3,04	3,40	3,17	3,15	3,34	3,01	0,80	2,86	2,15
3	10. Higiene dos filhos	3,76	3,75	3,03	3,38	3,75	3,28	2,20	3,78	1,55
2	11. Lavar pratos	3,64	3,65	3,50	3,50	3,68	3,49	0,22	1,74	1,52
1	12. Levar a criança para passear	3,82	3,85	3,33	3,45	3,88	3,39	1,36	7,46**	2,04
1	13.Consertos domésticos	3,73	3,75	3,43	3,45	3,86	3,37	0,23	7,86**	1,60
1	14.Fazer supermercado e feira	3,89	3,85	3,50	3,63	3,93	3,55	0,95	7,43**	2,11
1	15.Programar diversão	3,84	3,90	3,17	3,28	3,92	3,24	2,83*	12,62**	2,90*
1	16.Controle de dinheiro	3,76	3,85	3,73	3,53	3,88	3,55	0,49	5,32*	0,28
1	17. Levar criança ao médico	3,91	3,95	3,43	3,50	3,90	3,53	2,24	4,91*	1,79

Nota: ME: Média; DP: Desvio Padrão; Grupo: 1 - Professor; 2 - Aux. Administrative; 3 - Tec. Adm. Educação; 4 - Aux. de Limpeza.

** Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

* Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

Fonte: Pesquisa de campo, 2018

Tabela 28: Médias e valores F da Análise de Variância dos julgamentos de concordância com a participação dos homens nas atividades domésticas em função dos Grupos e Sexo.

FATOR	Grupo				Sexo		Valores F da Análise de Variância		
	1	2	3	4	Mas	Fem	Grupo	Sexo	G X S
	ME	ME	ME	ME	ME	ME			
Fator 1: atividades socialmente aceitas pelos homens	3,77	3,82	3,40	3,48	3,85	3,42	2,87*	10,51**	0,69
Fator 2: atividades socialmente aceitas pelas mulheres	3,24	3,34	3,19	3,30	3,42	3,13	1,41	1,11	1,53
Fator 3: atividades intermediarias	3,76	3,70	3,08	3,55	3,69	3,41	4,70**	0,16	1,29

Fonte: Pesquisa de campo, 2018

Na comparação entre os 4 **Grupos**, podemos dizer que dentre as 17 atividades domésticas, existem diferença em 2 delas ao nível de significância de 5%, quando avaliadas a questão C. Observa-se um efeito principal ou diferença em 2 variáveis no grupo para as atividades agrupadas no fator 1 sendo, “programar diversão” e no fator 3, sendo “pôr a criança para dormir”.

Na comparação entre as atividades para variável **Sexo**, observa-se também um efeito principal ou diferença em 08 atividades domésticas: no fator 1 sendo, “ferrar a cama”, “levar a criança para passear”, “consertos domésticos”, “fazer supermercado e feira”, “programar diversão”, “controle de dinheiro” e “levar criança ao médico” e no fator 2, sendo “limpar e arrumar a casa”. As mulheres nas 08 atividades, em situações de emergência concordam com uma menor participação dos homens, onde a média na avaliação das mulheres é menor que a dos homens.

Observa-se um efeito principal ou diferença em 02 variável do fator 3 quando analisamos o cruzamento entre o **grupo e sexo**. Essas diferenças foram nas atividades “preparar alimentos para as crianças” e “programar diversão”.

As análises acima apresentadas nos mostram que existem diferenças em termos de grupo e como de Sexo, e que essas diferenças se encontram também em função da variável Fator. Para verificar estatisticamente as diferenças entre os fatores com as variáveis independentes Grupo (1 - Professor; 2 - Aux. Administrativo; 3 - Tec. Adm. em Educação; 4 - Aux. de Limpeza) e Sexo (Feminino e Masculino), os dados foram submetidos também a uma análise de variância.

Dada a existência de diferença entre as médias das atividades domésticas do Grupo, Sexo e Grupo versus Sexo, foi utilizada comparações a posteriori (Teste *Tukey*) para identificar onde foram essas diferenças. Na comparação entre o **Grupo**, a diferença na atividade “programar diversão” é estatisticamente significativa ao nível de 5%, onde a diferença na participação dos homens foi nos quatro grupos. A tabela X, demonstra as médias dos grupos, e podemos observar que a média de participação nesta atividade, foram correspondentes ao Auxiliar Administrativo (3,90), sendo a maior média, seguido do grupo dos os Professores (3,84), Auxiliar de Limpeza (3,17), e Téc. Administrativo em Educação (3,17).

Na atividade “pôr a criança para dormir” a diferença também foi observada entre todos os grupos, onde a maior média foi no grupo dos professores (3,82), seguido do Auxiliar Administrativo (3,80), Auxiliar de Limpeza (3,60) e Técnico Administrativo em Educação (3,03).

Na comparação entre o **Sexo**, podemos dizer que dentre as 17 atividades domésticas, existem diferença em 08 delas ao nível de significância de 5%, quando avaliadas a questão C. A maior diferença entre estas 08 variáveis, se observou na atividade “programar diversão”, onde a média dos homens foi de (3,92), superior à das mulheres (3,24). Isto significa que a percepção dos homens em situações de emergência em programa diversão é maior que a percepção das mulheres.

Na comparação entre o **Grupo versus Sexo**, através da análise de variância, podemos dizer que dentre as 17 atividades domésticas, existe diferença em duas atividades “preparar alimentos para as crianças” e “programar diversão” ao nível de significância de 5%, quando avaliada a questão C. Na atividade “preparar alimentos para as crianças” esta diferença está no grupo 1 (Professor) sendo o sexo masculino apresentar menor média de participação (3,54) em relação ao feminino (3,54); e no grupo 03 (Tec. Administrativo em Educação), a média de participação dos homens (3,78) foi maior do que o sexo feminino (2,90).

Na comparação entre grupos (Professores, Aux. Administrativo, Téc. em Educação, e Aux. de Limpeza) as categorias de análise ficaram assim organizadas em função das correlações mais significativas.

Tabela 29: Categorias de Análise mais significativas por Grupos

CATEGORIAS	ATIVIDADES	GRUPOS
Cuidado com os filhos	Por criança para dormir	G1 (professor) participa G2 (aux. adm.) participa G4 (aux. de limpeza) participa G3 (téc adm.em educação) participa
Economia Doméstica	Programar Diversão	G2 (aux. adm.) participa G1 (professor) participa G4 (aux. de limpeza) participa G3 (téc. adm. em educação) participa

Fonte: Pesquisa de campo, 2018

Observa-se que a divisão das atividades domésticas, nas categorias Cuidados com os Filhos e Economia Doméstica para o Grupo C, que investiga em situações de emergência, o nível de participação masculina nos afazeres doméstico, revela que todos os grupos participam de algum modo nas atividades de cuidados com os filhos e aquelas relacionadas a economia doméstica.

No entanto, o que chama atenção é a ausência de participação nas atividades direcionadas aos afazeres domésticos. Há reiteradamente, uma lógica de diminuir o valor atribuído as atividades de cuidados com os objetos ou coisas. Certamente, não se busca aqui comparar valores entre humanos e coisas, nem mesmo hierarquizar tais ações. Porém, historicamente funções de cuidados com a manutenção da família “pertencem” ao homem como é o caso do sustento financeiro. As evidências neste estudo, demonstram que os homens, apesar da ausência das mulheres, permanecem com as mesmas atribuições, aqui representadas como o cuidado com os filhos e a economia doméstica, ratificando o traço cultural de provedores e mantenedores da célula *máter* da sociedade.

Para a comparação entre sexos (homens e mulheres) as categorias de análise ficaram organizadas da seguinte forma:

Tabela 30: Categorias de Análise mais significativas por Sexo

CATEGORIAS	ATIVIDADES	SEXO
Afazeres Domésticos	Limpar e arrumar a casa	Os homens percebem que participam mais e as mulheres percebem menos a participação deles
	Forrar a cama	
	Fazer supermercado e feira	
	Consertos domésticos	
Cuidado com os filhos	Levar criança para passear	
	Levar criança ao médico	
Economia doméstica	Controle de dinheiro	
	Programar diversão	

Fonte: Pesquisa de campo, 2018

Na divisão das atividades domésticas, verifica-se que nas categorias Afazeres Domésticos, Cuidados com os Filhos e Economia Doméstica, permanece a percepção distanciada entre mulheres e homens sobre a participação deles nas práticas diárias, mesmo na ausência delas. Os homens insistem em organizar sua participação na distribuição de atividades como uma espécie de “favor” as esposas, uma vez que os itens de atividades para o grupo C tenha aumentado a quantidade de tarefas desempenhadas por eles. Porém, os papéis sociais destinados para homens e mulheres ainda representam uma força contumaz. Estamos longe da igualdade paritária que seria o razoável no espaço doméstico. Eles deveriam adentrar o espaço privado para dividir as tarefas domésticas com suas companheiras e/ou esposas, o que formaria um movimento circular, denotando reciprocidade.

Na comparação entre grupo *versus* sexo as categorias de análise ficaram assim distribuídas da seguinte maneira:

Tabela 31: Categorias de Análise mais significativas por Grupo *versus* Sexo

CATEGORIAS	ATIVIDADES	GRUPO <i>versus</i> SEXO
Cuidado com os filhos	Preparar alimentos para as crianças	G1 (professor) Homens participam menos que mulheres
Economia Doméstica	Programar diversão	G3 (téc. adm. em educação) Homens participam mais que mulheres

Fonte: Pesquisa de campo, 2018

Neste aspecto, é possível observar a respeito das práticas sociais de “preparar alimentos para as crianças” que a relação entre homens e mulheres Professores, os homens participam menos dessa atividade, mesmo na ausência das mulheres, por acreditarem que esta atividade é eminentemente “feminina”. Já a atividade “programar diversão” para o grupo de técnicos administrativos em educação, os homens participam com maior frequência, por acreditarem que esta atividade é “masculina”.

PARTE 3 - ANÁLISE EM RELAÇÃO AOS OBJETIVOS

A seguir, segue as análises dos resultados em relação aos objetivos propostos nesta pesquisa. As questões dizem respeito a: a) *Identificar os papéis sexuais vividos nas relações de gênero e a existência de uma hierarquização entre as atividades masculinas e femininas;* b) *Analisar os significados de masculinidade e feminilidade e sua influência na divisão das atividades domésticas;* c) *Avaliar os papéis designados para homens e mulheres nas tarefas cotidianas no espaço doméstico.* Os dados foram discutidos em função dos objetivos propostos gerando compreensões acerca da problemática que envolve gênero e divisão do trabalho doméstico.

Objetivo 1: Identificar os papéis sexuais vividos nas relações de gênero e a existência de uma hierarquização entre as atividades masculinas e femininas.

Na comparação entre grupos (1 - Professor; 2 - Aux. Administrativo; 3 - Tec. Adm. em Educação; 4 - Aux. de Limpeza) e Sexo (Masculino e Feminino) para as questões A, B, e C é possível observar hierarquização nos desempenho das atividades domésticas. Alguns fatores colaboram para que essa perspectiva ocorra a saber: caracterização sobre o que é atividade “feminina” e “masculina”; a desvalorização das atividades de cuidado com os objetos e o cuidado com a prole e, conseqüente, manutenção da família.

Na caracterização sobre o que é atividade feminina, observa-se que os homens, tanto em nível técnico, como professor, recusam-se a exercer atividades de limpar e arrumar a casa, lavar a louça e cozinhar permitindo ocupar-se somente das

questões relativas as finanças domésticas e, em casos de emergência, do cuidado com os filhos. Carapia (2005) explica que o trabalho doméstico se refere ao conjunto de atividades e tarefas diárias destinadas à produção de valores de uso, bem como os serviços necessários para atender às necessidades da reprodução da força de trabalho. Essas tarefas incluem preparar refeições, lavar roupas, passar, costurar, limpar a casa, entre outras. Contudo, a atribuição sobre quem deve desempenhar este papel no ambiente doméstico é organizado a partir da lógica, tradicionalmente definida, de que cabe ao “marido-pai”, e aos homens em geral, o papel de provedor de renda e à “esposa-mãe”, o da prestação de serviços de atividades que estão relacionadas com a casa e que são representadas pelos serviços de cozinha, arrumação, limpeza, cuidados com os filhos, reconhecidas como “coisas de mulher”. Neste sentido Kergoat (2009) lembra que a divisão sexual do trabalho é anterior a divisão social do trabalho, uma vez que esta já existia em comunidades primitivas e tinha por finalidade controlar a reprodução das mulheres. Associado a isso o trabalho feminino foi e é tratado como sendo de menor valor social comparado ao trabalho dos homens, recriando a dependência feminina e a continuidade da discriminação e desvalorização das mulheres.

Nos resultados encontrados, essa lógica fica evidente no Grupo A, quando perguntado sobre *“Em que medida você concorda ou discorda com a participação dos homens nas atividades domésticas”* e conforme descrito na Tabela X, mulheres e homens sugerem maior participação masculina nas atividades domésticas, culturalmente, desempenhadas por elas. Desde o cargo de professor até as funções de auxiliar de limpeza, há indicadores de forte correlação na intenção de aumentar a participação masculina nestas atividades. Sobre os resultados encontrados no Grupo B, quando perguntado sobre *“Em geral, qual o nível de participação de seu marido nas seguintes atividades domésticas”*, as informações sugerem que ações ligadas a afazeres domésticos tem pouca participação de professores e maior presença de auxiliares de limpeza e, no cuidado com os filhos a situação se inverte. Com relação aos resultados encontrados no Grupo C, quando perguntado sobre *“Em situações de emergência (viagem, doença, etc.), qual o nível de participação de seu marido nas seguintes atividades domésticas”* a participação das atividades limita-se ao cuidado com os filhos e organização financeira.

Objetivo 2: Analisar os significados de masculinidade e feminilidade e sua influência na divisão das atividades domésticas.

Na comparação entre Sexos (Masculino e Feminino) para as questões A, B, e C é possível reconhecer, em todos os grupos, percepções diferentes entre homens e mulheres sobre a atuação dos homens nas atividades domésticas. Isto ocorre por dois fatores simultâneos. Primeiro pela ideia de participação coadjuvante nestas atividades da qual a estrela principal é a mulher e, segundo, pela relação simbólica de dominação masculina e subordinação feminina, compartilhada entre homens e mulheres.

A dimensão de participação secundária, que o homem assume diante das atividades domésticas, encontra suporte nas colocações de Grossi (1989) ao afirmar que tudo aquilo que está associado ao sexo biológico, fêmea ou macho, em determinada cultura, é considerado papel de gênero. O papel pode ser entendido, no sentido que se usa no teatro, ou seja, uma representação ou encenação de um personagem. Logo, papel social de gênero envolve um conjunto de comportamentos associados com masculinidade e feminilidade, em um grupo ou sistema social. Para os homens, a “estrela” desse palco são as mulheres, cabendo a elas a atuação principal. A ação masculina, só é bem-vinda no sentido de ajudar a grande estrela brilhar, dando apoio ou suporte para que a mesma desenvolva de maneira “brilhante” seu papel, historicamente construído. Com isso, é senso comum entre eles, a noção de que realizar atividades domésticas é tarefa das mulheres e, que os homens ao as ajudar, nessas atribuições, estão fazendo algo significativo e importante para elas, ou ainda, percebem isso como sinônimo de parceria. De outro modo, os sentidos e significados construídos sobre a base da percepção da diferença sexual, utilizados para a compreensão das relações sociais e, mais precisamente, as relações e os comportamentos de homens e mulheres não ocorrem de maneira individual e sim coletiva. Nisso, Bourdieu (2010) assevera que o efeito da dominação simbólica é exercido, não na lógica pura das consciências cognoscentes, mas através dos esquemas de percepção, de avaliação e de ação que são constitutivos dos *habitus* e que fundamentam, aquém das decisões da consciência e dos controles da vontade. Com isso o autor explica que as relações de poder existentes entre homens e mulheres permanecem arraigadas na reprodução da ordem social e, com o passar dos tempos, ambos recebem uma dose aparente de harmonia para apresentarem-se como naturais, próprias e desejáveis. A relação com os resultados encontrados,

observa-se que no Grupo A, quando perguntado sobre *“Em que medida você concorda ou discorda com a participação dos homens nas atividades domésticas”* e conforme descrito na Tabela X, as mulheres discordam sobre a participação dos homens em atividades que envolvem o cuidado com os filhos e a organização financeira da casa. Os homens por sua vez, percebem-se como partícipes dessas atividades em maior medida. Sobre os resultados encontrados no Grupo B, quando perguntado sobre *“Em geral, qual o nível de participação de seu marido nas seguintes atividades domésticas”*, as informações sugerem que ações ligadas a afazeres domésticos, cuidados com os filhos e economia doméstica os homens percebem que participam mais e Mulheres percebem menos a participação deles. Essa diferença na participação das atividades pode estar associada a assimetria nas relações. Com relação aos resultados encontrados no Grupo C, quando perguntado sobre *“Em situações de emergência (viagem, doença, etc), qual o nível de participação de seu marido nas seguintes atividades domésticas”* a participação nas atividades está relacionada aos afazeres domésticos, cuidado com os filhos e organização financeira, porém as mulheres não percebem como efetiva essa participação. Isso significa dizer que, apesar de as mulheres não perceberem a participação dos homens nestas atividades, a divisão dos trabalhos permanece inalterada, sustentada pela relação simbólica entre ambos.

Objetivo 3: Avaliar os papéis designados para homens e mulheres nas tarefas cotidianas no espaço doméstico.

Na comparação entre grupos (1 - Professor; 2 - Aux. Administrativo; 3 - Tec. Adm. em Educação; 4 - Aux. de Limpeza) e Sexo (Masculino e Feminino) para as questões A, B, e C é possível observar que para os homens são destinadas atividades ligadas ao provento e manutenção do lar e a mulher as funções de cuidado da prole e dos objetos domésticos. O principal aspecto que corrobora com essa realidade é que o trabalho doméstico permanece como um lugar estratégico para a manutenção das desigualdades de gênero.

A divisão de espaços (público e privado) e a delimitação de papéis (femininos e masculinos) conforme explica Hirata e Kergoat (2007), tanto no espaço produtivo como no reprodutivo, mostram o quanto a divisão sexual do trabalho está presente em ambos os espaços, reafirmando as relações de opressão e reproduzindo os

valores da sociedade patriarcal, da paradoxal dominação masculina e da submissão feminina. A divisão sexual do trabalho se enraíza na atribuição prioritária do trabalho doméstico às mulheres. Essa forma de dividir o trabalho social, tem dois princípios organizadores: o princípio de separação (existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres) e o princípio hierárquico (um trabalho de homem “vale” mais que um trabalho de mulher). Esses princípios são válidos para todas as sociedades conhecidas, e podem ser aplicadas mediante um processo específico de legitimação, na qual, rebaixa o gênero ao sexo biológico, reduz as práticas sociais a “papéis sociais” sexuados que remetem ao destino natural da espécie.

A relação com os resultados encontrados, observa-se que no Grupo A e no Grupo B, quando perguntado sobre *“Em que medida você concorda ou discorda com a participação dos homens nas atividades domésticas”* e *“Em geral, qual o nível de participação de seu marido nas seguintes atividades domésticas”*, as informações sugerem que a participação masculina fica reduzida a atividades ligadas ao cuidado com os filhos e organização da vida financeira, legitimando o lugar de manutenção e sustento da família. Com relação aos resultados encontrados no Grupo C, quando perguntado sobre *“Em situações de emergência (viagem, doença, etc), qual o nível de participação de seu marido nas seguintes atividades domésticas”* a participação nas atividades está relacionada ao cuidado com os filhos e preocupações com as finanças domésticas. Sendo assim em momento algum os homens assumem o papel designado socialmente as mulheres, ainda que o façam ao cuidar da prole, as atividades resumem-se a ações ligadas ao espaço público, funções de higiene e alimentação seguem terceirizadas, preferencialmente, a mulheres.

Desse modo, ao buscar compreender as práticas sociais que envolvem o homem e a mulher na sua relação cotidiana e no exercício de seus papéis institucionalizados e como são produzidas na divisão dos trabalhos domésticos foi possível identificar as lógicas dominantes nesta relação, que dizem respeito a dominação masculina e subordinação feminina, o uso dos sistemas de verdade para legitimar atribuições biologizantes sobre homens e mulheres, as construções de sentido e significado que permeiam a realidade social e contribuem para que homens e mulheres reafirmem ou questionem suas práticas cotidianas e conseqüente destinação histórica. Também foi possível perceber os avanços e conquistas feministas que colaboraram para que as mulheres pudessem reorientar sua trajetória histórica rumo a busca de relações mais igualitárias, impulsionadas não pela oposição

aos homens, mas sim pela capacidade de lidar com as tensões e forças existentes nesta relação. E por fim, como a fixidez dos papéis sociais influencia na divisão dos trabalhos domésticos e quais as possibilidades de diálogo que permitem a homens e mulheres regularem as relações sociais, criando alternativas mais justas e colaborativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração desta pesquisa foi proposta ao Programa de Pós-graduação em Psicologia, linha de pesquisa - Processos Psicossociais, Faculdade de Psicologia – Universidade Federal do Amazonas, onde teve como objetivo geral compreender as práticas sociais que envolvem o homem e a mulher na sua relação cotidiana e no exercício de seus papéis institucionalizados e como são produzidas na divisão dos trabalhos domésticos. Além disso, foi proposto como objetivos específicos: identificar os papéis sexuais vividos nas relações de gênero e a existência de uma hierarquização entre as atividades masculinas e femininas; analisar os significados de masculinidade e feminilidade e sua influência na divisão das atividades domésticas e, avaliar os papéis designados para homens e mulheres nas tarefas cotidianas no espaço doméstico.

A globalização e o surgimento dos movimentos sociais, como o movimento feminista, provocaram mudanças que se refletiram nas configurações familiares e na divisão de papéis de homens e mulheres, que hoje são menos fixos, no espaço público, já que os dois gêneros passaram a ocupar este espaço. Porém, embora as transformações do capitalismo industrial e a luta feminista, tenha proporcionado as mulheres, oportunidade de incorporar as suas atividades a possibilidade de atuação no mercado de trabalho, ainda existem forças que questionam a presença feminina neste espaço, empurrando-as para o espaço doméstico. Infelizmente, ainda persiste, a ideia distorcida, de que fatores biológicos justificam características femininas e/ou explicam a necessidade da função mulher dentro de casa. Essa visão, sustenta que as mulheres nascem com um “dom”, uma “obrigação” ao cuidado com a casa e com os filhos. Aos homens, que “trabalham duro”, compete a função de “botar comida na mesa” da família. Dentro desta mesma lógica, também existe a compreensão daquilo

que os autores costumam chamar de trabalho emocional, que diz respeito ao provimento do afeto e a constante preocupação em agradar e em cuidar de família por parte das mulheres.

Essa divisão de papéis é percebida não só por parte de homens que adotam práticas discrepantes com as opiniões emitidas ou se sentem avessos ou distantes quanto à repartição equitativa de atividades domésticas, como por parte também das mulheres que tendem a assumir tais tarefas como suas, aceitando ou relativizando a ausência de participação ou irregularidade de colaboração dos homens nas tarefas domésticas. Por outro lado, o fato de existir alguma colaboração por parte dos homens é potenciada e, subsequentemente, por estes sobrevalorizada. Mais, embora as respostas apontem para um ideal de repartição paritária de tarefas, as práticas desmentem parcialmente esse ideal normativo, verificando-se, na maior parte dos casos, uma menor participação por parte dos homens em tarefas concretas e em número de horas despendidas.

Embora a maior parte das mulheres, no Brasil, hoje, trabalhe fora de casa, elas, ainda assume maior responsabilidade pelo trabalho doméstico e as mudanças, ainda são muito pequenas. Na grande maioria dos lares, os homens, no máximo, “ajudam” suas esposas com a casa e com os filhos. Enquanto, boa parte dos homens tem apenas uma jornada de trabalho, a maioria das mulheres tem três, já que, além de trabalhar fora, precisam manter em ordem a casa e cuidar dos filhos.

Isso reflete diretamente na atuação das mulheres no mercado de trabalho, pois o fato de as mesmas serem responsáveis pelo trabalho doméstico faz com que, ao mesmo tempo, os homens sejam desincumbidos de tais tarefas. Ou seja, enquanto as mulheres trabalham, cuidam da casa e dos filhos, os homens podem se dedicar ao trabalho remunerado e, assim, alcançar melhores salários e colocações no mercado. Esse cenário permite que se perpetue a desigualdade existente entre homens e mulheres no mercado de trabalho: mulheres ganham menos, ocupam menos cargos de direção e estão mais sujeitas ao desemprego. Assim, a divisão do trabalho doméstico ainda é pouco igualitária e o cuidado dos filhos, embora em muitos lares seja parcialmente dividido, ainda sobrecarrega as mulheres.

Outra consideração importante diz respeito aos resultados da pesquisa é que ela pode ser espaço de reflexão aos participantes para entender como são constituídos os papéis existentes e destinados para homens e mulheres e suas representações na divisão do trabalho doméstico no núcleo familiar, compreender os

fenômenos e problemas que envolvem o homem e a mulher na sua relação cotidiana e no exercício de seus papéis no espaço doméstico, analisar os níveis de participação e protagonismo dos homens e mulheres no trabalho doméstico e quais as perspectivas que apresentam com vistas à melhoria na divisão igualitária das responsabilidades e tarefas domésticas, contribuir com novos olhares sobre a construção nas relações de gênero e como estes se constroem como sujeitos masculinos e femininos no contrato com seus pares.

Por fim, este estudo pode contribuir, no diz respeito aos aspectos acadêmico e científico, na região norte e, em especial na cidade de Manaus para se ter uma melhor compreensão de que o masculino e o feminino não são entidades substantivas, mas sim relacionais, construídas dialeticamente, sob fundamentos culturais, sociais e históricos específicos, os quais interferem nos papéis designados para homens e mulheres amazônidas. Desse modo, a abertura de novas problematizações para outras pesquisas, interessadas em expandir o assunto torna-se relevante não só para o desenvolvimento da psicologia na região, mas também para a sociedade de um modo mais amplo.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, W. M. J. et al. Reflexões sobre sentido e significado. In: Bock, A. B.; Gonçalves, M. G. M. (Orgs). A dimensão subjetiva da realidade: uma leitura sócio-histórica. São Paulo: Cortez, 2009.
- APPARALA, M.; REIFMAN, A.; MUNSCH, J. *Cross-national comparison of attitudes toward fathers and mothers participation in household tasks and childcare. Sex Roles*, n. 48, 2003, p.189-203.
- AZEVEDO, S. D. R. Formação discursiva e discurso em Michel Foucault. *Filogênese* vol. 6, n. 2, 2013.
- BARDIN, L. Análise de Conteúdo. Persona. São Paulo, 1977.
- BOCK, A. M. B. Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia. In A. M. B. Bock, M. G. M. Gonçalves & O. Furtado (Orgs), *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia*. 2ª edição revisada. São Paulo: Cortez, 2002, p.15-35.
- BOCK, A. M. B., Ferreira, M. R., Gonçalves, M. G. M. & Furtado, O. Silvia Lane e o projeto do “Compromisso Social da Psicologia”. *Revista Psicologia & Sociedade*, 2ª edição especial, 2007, p. 46-56.
- BORDIEU, P. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2003.
- _____. A dominação masculina. Tradução Maria Helena Kühner. 9ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010
- BRITO, J. e OLIVEIRA, O. Divisão Sexual do Trabalho e Desigualdade nos Espaços de Trabalho. In: Filho, F.S e Jardim S. (Orgs) *A Danação do Trabalho*. Te Corá. Rio de Janeiro. 1997.

- BROWN, D. *The role of work and cultural values in occupational choice, satisfaction, and success: A theoretical statement. Journal of Counselling and Development*, n. 80, 2002, p. 48-55.
- CAMPS, V. *O Século das Mulheres*. Lisboa: Presença, 2001, p. 9-59.
- CARVALHO, M. P. O conceito de gênero: uma leitura com base nos trabalhos do GT Sociologia da Educação ANPEd (1999 – 2009). *Revista Brasileira de Educação*, v. 16, n. 46, Jan/Abri, 2011.
- CHÁVEZ CARAPIA, J. C. *Trabajo Doméstico. Cuadernos de Investigación del Centro de Estudios de la Mujer*, México, 2005, p.108.
- COLTRANE, S. *Research on household labor: Modeling and measuring the social embeddedness of routine family work. Journal of Marriage and the Family*, n. 62, 2000, p.1208-1233.
- FERNANDES, Cleudemar. Alves. *Discurso e sujeito em Michel Foucault*. São Paulo: Intermeios, 2012.
- FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002.
- FOUCAULT, M. A ordem do discurso: aula inaugural no *Collège de France*, pronunciada em 2 de dezembro de 1970/Michel Foucault; tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.
- _____. *A hermenêutica do sujeito*. Trad. Márcio Alves Fonseca e Salma Tannus Murchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- GIL, A. C. *Metodologia do Ensino Superior*. São Paulo: Editora Atlas, 2000.
- GAMBA, Susana Beatriz. *Diccionario de estudios de género y feminismos*, 2007.
- GOMES, I.D, SILVA, L.B, SILVA, A. M. S, PASCUAL, J.G, COLAÇO, V.F. R., XIMENES, V.M. O social e o cultural na perspectiva histórico-cultural: tendências conceituais e contemporâneas. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 22, n. 3, 2016, p. 814-831.
- GONZALEZ REY, F. L. *Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Cengage Learning, 2011.
- GROSSI, M. Identidade de gênero e sexualidade. Disponível em: <http://miriamgrossi.paginas.ufsc.br> . Acesso em 18 de abril de 2019.
- GUARESCHI, P. A. Pressupostos epistemológicos implícitos no conceito de libertação. In R. Guzzo & F. Lacerda Junior. *Psicologia Social para a América latina: o resgate da Psicologia da Libertação* (pp. 49-64). Campinas: Alínea, 2011.

- HAIR, Jr; BLACK, W. C; BABIN, B. J; ANDERSON, R. E e TATHAM, R. L. *Multivariate Data Analysis*. 6ª edição. Upper Saddle River, NJ: Pearson Prentice Hall, 2006.
- HELOANI, R.; LANCMAN, S. Psicodinâmica do trabalho: o método clínico de intervenção e investigação. *Prod.*, São Paulo, v. 14, n. 3, 2004, p. 77-86.
- HIRATA, H.; KERGOAT, D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, v.37, n.132, Set/Dez, 2007, p.595-609.
- HIRATA, H. et al. (dirs) *Dictionnaire critique du féminisme*. Paris: PUF, 2000. p.35-44.
- HIRATA, H. Relações sociais do sexo e psicopatologia do trabalho. Nova divisão sexual do trabalho?. São Paulo: Boitempo, 2002, p. 233-269.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Estatísticas de Gênero. Indicadores sociais das mulheres no Brasil. Estudos e Pesquisas. Informação Demográfica e Socioeconômica, n.38. 08 de junho de 2018. p. 2-12.
- JOSÉ FILHO, M. Pesquisa: contornos no processo educativo. In: José Filho, M; Dalbério, M. O. Desafio da pesquisa. Franca: Unesp – FHDSS, 2006.
- KAISER, H. F. A *Second generation Little Jiffy*. *Psychometrika*, 35, p.401-415, 1970.
- KAISER, H. F., RICE, J. *Little Jiffy, mark IV. Educational and Psychological Measurement*, n. 34, 1974, p. 111-117
- KERGOAT, D. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: Hirata, H.; Laborie, F.; Le Doaré, H.; Senotier, D. (Org.) *Dicionário Crítico do Feminismo*. São Paulo: Unesp, 2009.
- KERGOAT, D. *La Division du travail entre les sexes*. In: KERGOAT, J. et al. (dir.). *Le monde du travail*. Paris: La Decouverte, 1998. p.319-327.
- KERGOAT, D. *Division sexuelle du travail et rapports sociaux de sexe*. In: LEONTIEV, A. N. O desenvolvimento do psiquismo. São Paulo: Centauro, 2004.
- LUCCI, M. A. A proposta de Vygotsky – a psicologia sócio-histórica. *Revista de currículum y formación del profesorado*, 10, 2: 2006. Disponível em: <http://www.ugr.es>. Acesso em 06 março de 2018.
- MARTINS, G. A. Manual para Elaboração de Monografias e Dissertações. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2000.
- MARUANI, M.; HIRATA, H. (Org.). As novas fronteiras da desigualdade: homens e mulheres no mercado de trabalho. São Paulo: Senac, 2003.
- MINGOTI, S. A. Análise de dados através de métodos de estatística multivariada: Uma abordagem aplicada. Editora UFMG, 2005.

- MEDRADO, B., LYRA, J. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 16, n. 3, 2008. Disponível em: <http://dx.doi.org/> Acessado em 12 de julho de 2018.
- MINAYO, M. C. S (Org.) *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- PALANT, J. *SPSS Survival Manual*. Open University, 2007.
- PFAU-EFFINGER, Birgit. *Socio-historical paths of the male breadwinner model: An explanation of Cross-National differences* » in *British Journal of Sociology*, 2004, p: 377-399.
- PEZ, T. P. Pequena Análise sobre o sujeito em Foucault: a construção de uma ética possível. In *Seminário em Ciências Humanas*. 7. ed. Londrina: VII Seminário em Ciências Humanas. Londrina. Eduel, 2008. p.1-14. Disponível em < <http://www.uel.br> Acesso em: 09 de abril de 2019.
- PINO, A. *As marcas do humano: às origens da constituição cultural e a criança na perspectiva de Lev. S. Vygotsky*. São Paulo: Cortez, 2005.
- PISCITELLI, A. Re-criando a categoria mulher. *Jornal A prática feminista e o conceito de gênero. Textos didáticos*, v. 48, 2002, p.7-42.
- OLIVEIRA, P. P. de. *A Construção Social da Masculinidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.
- RAGO, M. Descobrir historicamente o gênero. *Cadernos Pagu* (11), 1998, p. 89-98.
- RENCHER, A. C. *Methods of multivariate analysis*. New York: John Wiley, 2002.
- RICHARDSON, R. J. et AL. *Pesquisa Social: métodos e técnicas*. 3. ed. revista e ampliada. São Paulo: Atlas, 2008.
- ROAZZI, A. Lar-doce-lar: Rainha ou rei? A representação da participação masculina nas tarefas domésticas e a lógica de sua distribuição em casais de nível socioeconômico baixo. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*. 1999, p. 7-38.
- ROSA, E. Z.; ANDRIANI, A. G. *Psicologia Sócio-histórica: uma tentativa de sistematização epistemológica e metodológica*. In: KAHHALE, E. M. P. *A diversidade da psicologia: uma construção teórica*. São Paulo: Cortez, 2002.
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação e Realidade*. Vol. 20, no.2, Porto Alegre: UFRGS, 1995.
- _____. *Gender and the Politics of History*. New York: Columbia University Press, 1988

- SILVA, G. F. da; JUNIOR, S. S. M. A construção do sujeito em Michel Foucault. *Entreletras*. V. 7, n. 1, Jan/Junh, Araguaína/TO, 2016.
- SILVA, C, S. Divisão sexual do trabalho doméstico: entre representações e práticas. *Configurações Revista Sociológica* [online] vol. 9/2012. Disponível em <http://configuracoes.revues.org/> Acesso em 14 de agosto 2018.
- SOIHET, R. História das Mulheres. In: Cardoso, C.F.; Vainfas, R. (Orgs.) *Domínios da História*. 2a Ed. Rio de Janeiro, Elsevier, 2011, p. 263 – 283.
- SOUSA, L. PASSOS de; GUEDES, D. R. A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. *Estudos Avançados*, v. 30, n. 87, São Paulo, May/Aug, 2016, p.123-139.
- SOUZA, V. L. T.; ANDRADA, P. C. Contribuições de Vygotsky para a compreensão do psiquismo. *Estudos de Psicologia*, 30 (3), Julho/Setembro, 2013,355-365. Disponível em <http://www.scielo.br> Acesso em 14 de agosto de 2018,
- SILVEIRA, R. A. Michel Foucault: poder e análise das organizações. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005.
- TABACHNICK, B.; FIDELL, L. *Using multivariate analysis*. Needham Heights: Allyn & Bacon, 2007.
- TIMM, N. H. *Applied multivariate*. New York: Springer Verlag, 2002.
- TREAS, Judith e DE RUYTER, Esther. Earnings and expenditures on household services in married and cohabiting unions” in *Journal of Marriage and Family*, 2008, p. 796-805.
- TREVIÑOS, Augusto N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.
- TUKEY, J.W. *The problem of multiple comparisons*. *Mimeographs Princeton University, Princeton*, N.J., 1953.
- VERGARA, Sylvia Constant. *Projetos e relatórios de pesquisa em administração*. 6º. ed. São Paulo: Atlas, 2005.
- VIEIRA, S.; HOFFMANN, R. *Estatística experimental*. São Paulo: Atlas, 1989, p.17.
- VIRGILLITO, S. B. Vários autores. *Pesquisa de marketing: uma abordagem qualitativa e quantitativa*. São Paulo: Saraiva, 2010.
- VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. (6a ed.). São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R. *Estudos sobre a história do comportamento*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996

WERTSCH, J. V. *La mente en acción*. Buenos Aires: Aique, 1999.

WOORTMANN, K. O domínio doméstico. Em G.A. Silva (Org.), *A família das mulheres*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

YOUNG, I M.; BIROLI, F. Autonomia, opressão e identidades: a ressignificação da experiência na teoria política feminista. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, 2013, p. 89.

APÊNDICES

APÊNDICE A

PROTOCOLO PARA HOMEM

NÚMERO: _____

Idade: _____ Sexo: 1)Ma 2)Fe Trab.:1)Sim 2)Não Escol.: _____ Profissão: _____

Quanto Filhos/as: _____ Idades e sexo Filhos/as: _____

Tempo de Casamento: _____ Tem doméstica: _____

Renda familiar em salários mínimos: 0-1/2 1/2-1 1-2 2-3 3-5 5-8 8-12 12-20 20-30 30-50 50-80 80-100

Sua esposa está satisfeita com a forma que você participa das atividades domésticas?

Marcar resposta correspondente:

- 1.Não satisfeita 2.Pouco satisfeita 3.Satisfeita 4.Muito satisfeita

CONSIDERE CADA ATIVIDADE, ABAIXO RELACIONADAS, E EXPRESSE SUA OPINIÃO DE ACORDO COM AS QUESTÕES A, B, C, NUMERANDO OS ESPAÇOS CORRESPONDENTES DO LADO DIREITO OU ESQUERDO DE CADA ATIVIDADE.

QUESTÃO A: Em que medida você concorda ou discorda com a participação dos homens nas atividades domésticas abaixo relacionadas? (lado esquerdo)

- 1.Discordo completamente 2.Discordo 3.Concordo 4.Concordo plenamente

QUESTÃO B: Em geral, qual é o seu nível de participação nas seguintes atividades doméstica?

- 1.Nunca participo 2.Participo muito pouco 3.Participo pouco 4.Participo muito pouco

QUESTÃO C: Em situações de emergência (viagem, doença etc.), qual é o seu nível de participação nas seguintes atividades doméstica?

- 1.Nunca participo 2.Participo muito pouco 3.Participo pouco 4.Participo muito pouco

Questão A ATIVIDADES DOMÉSTICAS

Questão B

Questão C

Por favor, responder todas as questões escrevendo o número correspondente

_____	1. Limpar e arrumar a casa.....	_____	_____
_____	2. Por a criança para dormir.....	_____	_____
_____	3. Passar roupa.....	_____	_____
_____	4. Ajudar nas tarefas escolares.....	_____	_____
_____	5. Cozinhar.....	_____	_____
_____	6. Forrar a cama.....	_____	_____
_____	7. Preparar alimentos para as crianças	_____	_____
_____	8. Levar a criança à escola.....	_____	_____
_____	9. Lavar roupas.....	_____	_____
_____	10. Higiene dos filhos.....	_____	_____
_____	11. Lavar pratos.....	_____	_____
_____	12. Levar a criança para passear	_____	_____
_____	13. Consertos domésticos.....	_____	_____
_____	14. Fazer supermercado e feira.....	_____	_____
_____	15. Programar diversão	_____	_____
_____	16. Controle do dinheiro.....	_____	_____
_____	17. Levar criança ao médico.....	_____	_____

Agora, qual o nível de dependência econômica em relação ao seu cônjuge?

- 1.Nenhuma 2.Muito Pouca 3.Bastante 4.Completa

Em caso de separação, qual o nível de dependência econômica em relação ao seu cônjuge?

- 1.Nenhuma 2.Muito Pouca 3.Bastante 4.Completa

De maneira geral, qual o nível de satisfação em relação ao seu casamento?

- 1.Insatisfatório 2.Pouco satisfatório 3.Satisfatório 4.Muito satisfatório

APENDICE B

PROTOCOLO PARA MULHER

NÚMERO: _____

Idade: _____ Sexo: 1)Ma 2)Fe Trab.:1)Sim fora 2)Não Escol.: _____ Profissão: _____

Quanto Filhos/as: _____ Idades e sexo Filhos/as: _____
 Tempo de Casamento: _____ Tem doméstica: _____

Renda familiar em salários mínimos: 0-1/2 1/2-1 1-2 2-3 3-5 5-8 8-12 12-20 20-30 30-50 50-80 80-100

Você está satisfeita com a forma que seu marido participa das atividades domésticas? - Marcar resposta correspondente:

- 1.Não satisfeita 2.Pouco satisfeita 3.Satisfeita 4.Muito satisfeita

CONSIDERE CADA ATIVIDADE, ABAIXO RELACIONADAS, E EXPRESSE SUA OPINIÃO DE ACORDO COM AS QUESTÕES A, B, C, NUMERANDO OS ESPAÇOS CORRESPONDENTES DO LADO DIREITO OU ESQUERDO CADA ATIVIDADE.

QUESTÃO A: Em que medida você concorda ou discorda com a participação dos homens nas atividades domésticas abaixo relacionadas? (lado esquerdo)

- 1.Discordo completamente 2.Discordo 3.Concordo 4.Concordo plenamente

QUESTÃO B: Em geral, qual é o nível de participação de seu marido nas seguintes atividades doméstica?

- 1.Nunca participo 2.Participo muito pouco 3.Participo pouco 4.Participo muito pouco

QUESTÃO C: Em situações de emergência (viagem, doença etc.), qual é o nível de participação de seu marido nas seguintes atividades doméstica?

- 1.Nunca participo 2.Participo muito pouco 3.Participo pouco 4.Participo muito pouco

Questão A ATIVIDADES DOMÉSTICAS Questão B Questão C

Por favor, responder todas as questões escrevendo o número correspondente

_____	1. Limpar e arrumar a casa.....	_____	_____
_____	2. Por a criança para dormir.....	_____	_____
_____	3. Passar roupa.....	_____	_____
_____	4. Ajudar nas tarefas escolares.....	_____	_____
_____	5. Cozinhar.....	_____	_____
_____	6. Forrar a cama.....	_____	_____
_____	7. Preparar alimentos para as crianças	_____	_____
_____	8. Levar a criança à escola.....	_____	_____
_____	9. Lavar roupas.....	_____	_____
_____	10.Higiene dos filhos.....	_____	_____
_____	11. Lavar pratos.....	_____	_____
_____	12. Levar a criança para passear	_____	_____
_____	13. Consertos domésticos.....	_____	_____
_____	14. Fazer supermercado e feira.....	_____	_____
_____	15. Programar diversão	_____	_____
_____	16. Controle do dinheiro.....	_____	_____
_____	17. Levar criança ao médico.....	_____	_____

Agora, qual o nível de dependência econômica em relação ao seu cônjuge?

- 1.Nenhuma 2.Muito Pouca 3.Bastante 4.Completa

Em caso de separação, qual o nível de dependência econômica em relação ao seu cônjuge?

- 1.Nenhuma 2.Muito Pouca 3.Bastante 4.Completa

De maneira geral, qual o nível de satisfação em relação ao seu casamento?

- 1.Insatisfatório 2.Pouco satisfatório 3.Satisfatório 4.Muito satisfatório